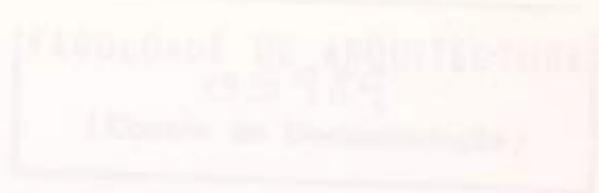
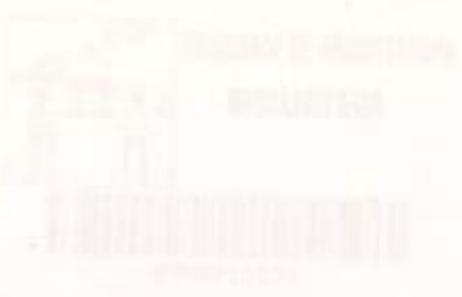


R. CAETANO



UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

Faculdade de Arquitectura

SUMÁRIO

O conteúdo do trabalho refere-se à investigação das
relações e particularidades do exercício da criação
arquitectónica fundamentadas na prática do exercício de
projeto

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Relacionado com este estágio compreende o caminho a
seguir para o projeto e a vida, a forma de lidar com as
tarefas que se apresentam a partir do momento do
exercício de projeto

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

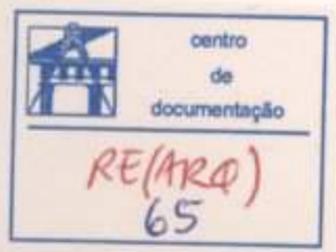
Curso de Arquitectura

6º ano

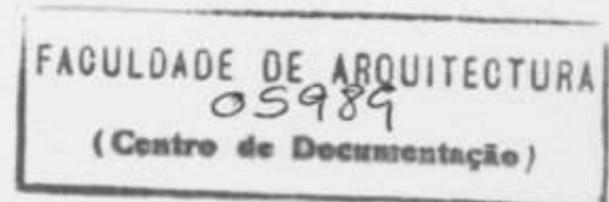
A metodologia subjacente à elaboração do relatório está
fundamentada essencialmente com a forma de participação nos
trabalhos do atelier. Os dois trabalhos uma habitação
vertical com piscina, para o Dr. Nuno Cabral na Agência
e a recuperação do antigo Convento da S. Domingos em
Setúbal para a Direcção de Serviços, distinguem-se para
além de tudo por serem realizados em contacto com o seu
contexto, pela forma como se realizou neles. Para o

PEDRO CAETANO DE CARVALHO

F.A.T.U.L., 1998



R E (ARQ) - 65



SUMÁRIO

O essencial do trabalho refere-se à investigação das vertentes e polivalências do exercício da criação arquitectónica, fundamentadas na prática do exercício de projecto.

CAPÍTULO I

I INTRODUÇÃO

Pretende-se com este estágio compreender o caminho a percorrer entre o projecto e a obra, a forma de lidar com as várias vertentes e polivalências que tornam a prática do exercício de projecto um acontecimento estimulante.

O relatório tenta mostrar o que foi trabalhar no atelier, partindo de uma descrição mais geral e num discurso mais aberto, particularizando pontualmente, com alguns casos concretos.

A metodologia subjacente à elaboração do relatório está directamente relacionada com a forma de participação nos trabalhos do atelier. Os dois trabalhos, uma habitação unifamiliar com piscina, para o Dr. Nuno Cabral na Azambuja e a recuperação do antigo Convento de S. Domingos em Setúbal, para a Diocese de Setúbal, distinguem-se, para além de tudo, no que possa relacionar-se com o seu conteúdo, pela forma como se trabalhou neles. Para o

CAPITULO III
primeiro trabalho, encontrado à escala 1/100 em forma de projecto de licenciamento, realizou-se todo o projecto de execução, onde não houve uma relação directa com a obra, ficando-se pelos contactos necessários com entidades várias onde se iriam discutindo pormenores, possibilidades e impossibilidades por forma a tornar melhor preparado e esclarecido todo o projecto para mais tarde ser posto em prática. O contacto com o segundo trabalho fez-se já em obra com a necessidade de continuar a projectar, de repensar, de alterar, de fazer evoluir um caminho e as suas consequências, umas possíveis outras não.

Carlos Cunha, o arquitecto Pedro Rissano Garcia e um colega da faculdade, o Sérgio Fazenda Rodrigues, a constantemente solicitada a capacidade de discussão de um trabalho e a seguir regular num outro.

A constante pesquisa, os esboços, os desenhos, as maquetas, novamente os esboços, o tempo para a discussão de detalhes mínimos, fazem respirar em todo o trabalho, um ambiente fortemente académico.

A simplicidade do conceito verte para o pormenor e torna-se por vezes, objecto de procura.

Não se esperou nada do atelier, a não ser a oportunidade, de finalmente, poder ver a última escala da arquitectura, confrontação e percepção, no que é que a realidade confirma ou contradiz os passos anteriores.

CAPÍTULO II **TRABALHO REALIZADO**

II.1 **O ATELIER** **TRABALHO EM AVEIRAS DE BAIXO**

Pequeno, mas possibilitou uma grande aprendizagem, com a possibilidade de desenvolver actividades inerentes ao acompanhamento integral de um projecto, construindo um excelente arquivo de pessoal de conhecimentos e experiências.

Composto por duas pessoas, obriga a um conhecimento de todos os projectos em curso. Apesar de por lá passarem outros profissionais, como a arquitecta Carlota Cunha, o arquitecto Pedro Ressano Garcia e um colega da faculdade, o Sérgio Fazenda Rodrigues, é constantemente solicitada a capacidade de discussão de um trabalho e a seguir mergulhar num outro.

A constante pesquisa, os esboços, os desenhos, as maquetes, novamente os esboços, o tempo para a discussão de detalhes mínimos, fazem respirar em todo o trabalho, um ambiente fortemente académico.

A simplicidade do conceito verte para o pormenor e torna-se, por vezes, objecto de procura.

Não se esperou nada do atelier, a não ser a oportunidade, de finalmente, poder ver a última escala da arquitectura, confrontação e percepção, no que é que a realidade confirma ou contradiz os passos anteriores.

II.II O TRABALHO REALIZADO

II.II.I CASA UNIFAMILIAR EM AVEIRAS DE BAIXO

Situada na meia encosta de um vale, a casa desenvolve-se sobre um pequeno promontório, funcionando como um palco aberto para a larga paisagem.

O eixo longitudinal próximo das curvas de nível, nasce de um ilustre sobreiro que trespassa toda a casa, separando, de alguma forma, as zonas privadas a uma cota menor, das zonas públicas, à cota da entrada.

O acesso faz-se por um pátio aberto que abriga a chegada. O hall, diferenciado no pavimento, funciona como o cerne da casa, onde se cruzam fluxos. Um outro pátio, o de apoio, pode funcionar como lugar de refúgio visual.

A casa é essencialmente branca, destacando-se dois planos de cor ocre (plano da entrada e muro de suporte no pátio de apoio), que surgem associados a uma noção de maior interioridade.

A importância do controle da luz está patente nas venezianas, que lhe emprestam um ar catalão, não escondendo referências ao grande arquitecto António Cordech.

II.II.II O PROJECTO DE EXECUÇÃO

Encontrando-se praticamente definido e em forma de projecto de licenciamento à esc: 1/100 , havia agora que proceder à feitura do projecto de execução à esc: 1/50.

A primeira experiência que seria o encontro mais sério com a realidade, relacionava-se com a estrutura. Recebidos os desenhos do engenheiro Luis Correia, era necessário introduzir na arquitectura esse esqueleto recticulado de pilares e vigas. Não sendo viável construír-se uma lage maciça sem as incómodas vigas, teve que se proceder à ginástica de fazer desaparecer os pilares e as vigas, exercício que permitiu conhecer ainda melhor a casa e oferecer-lhe alguma complexidade, num pilar que funciona para dentro de um armário, numa parede mais larga que esconde a viga.

Foi interessante lembrar as conversas dos professores na escola, quando ensinavam as formas mais correctas de construir, alertando, que às vezes a realidade não correspondia a essas formas, em virtude situações várias, entre elas o aspecto económico.

Nesta moradia, o processo construtivo corresponde e ultrapassa os ensinamentos académicos, devendo-se este facto, em parte, às reuniões com os engenheiros e técnicos de empresas que aconselhavam no sentido de melhos servir o projecto.

A flexibilidade do arquitecto Bernardo, permitiu que se explorassem novos caminhos, no processo de desenvolvimento do projecto.

Passaram-se a fazer fichas de vãos em vez de mapas, permitindo, numa ficha A3 à esc: 1/20, incluir informação mais detalhada sobre cada vão. As fichas permitiam um mais fácil manuseamento em obra, pelo carácter individual que têm e pela hipótese, de quando agrupadas, poderem funcionar como um pequeno livro de vãos.

Nas fichas de vãos, estão indicados os pormenores que num outro desenho se encontravam à esc: 1/5, 1/2 e por vezes, quando o detalhe assim obrigava, à escala real.

As cozinhas e instalações sanitárias, pela sua complexidade, incluíam-se em desenhos à esc: 1/20, de onde se destacavam, no mesmo desenho, pormenores de bancadas e armários à esc: 1/5. Assim, temos a escala como elemento de aproximação, numa relação sucessiva de pormenor.

II.II.III O CLIENTE

As conversas com o cliente durante o processo de feitura do projecto de execução, tornam-se, também elas, conversas de pormenor, para onde se remete a derradeira hipótese de discussão de determinados assuntos pendentes, como a situação do pavimento em madeira, apenas no núcleo central da casa, enfatizando esse carácter de cerne e de ponto de distribuição.

As situações de detalhe do interior dos armários, tinham agora que ser resolvidas: quantas gavetas, quantas prateleiras quantos vãos para cabides, nascendo a solução

para este problema, da necessidade de arrumações do cliente.

A aguardar o projecto de execução, esteve também a definição de um nicho para perfumarias, na instalação sanitária.

II.III RECUPERAÇÃO DO ANTIGO CONVENTO DE S.DOMINGOS DE SETÚBAL

Construído no ano de 1563, durante o reinado de D. Sebastião, sob regência do Cardeal D. Henrique, apresenta traços marcantes da arquitectura maneirista, que caracteriza os finais do século XVI.

Os militares ocuparam-no, aquando da extinção das ordens religiosas em 1834, marcando o convento com a abertura de vãos na ala poente, nascente e no alçado sul.

Sofreram as abóbodas de cruzaria quinhentista no piso térreo e na ala poente.

O Convento desenvolve-se em dois pisos, existindo uma entrada por um piso intermédio que assegura a separação entre o piso 1 de carácter privado e o piso 2 de carácter público.

O edifício apresenta-se simples, austero, espreitando do alto da densa malha urbana da cidade de Setúbal

o edifício envolve relações de proximidade muito fortes, as quais o imaginário colectivo daquelas gentes se habituou. Mas é uma memória de um passado relativamente recente e

II.III.I A Obra

Com a confrontação real da execução, levantam-se toda a espécie de problemas, como se fossem passados a pente ainda mais fino, todos os desenhos e indicações. Na obra apercebe-se a distância que existe entre o acto de desenhar num atelier e as mãos de quem poderá entendê-lo. Apercebe-se, assim a importância do acompanhamento da obra para se poder decidir atempadamente e responder a imprevistos.

A obra serve também para testar decisões, sendo ao mesmo tempo um palco de experiências.

O primeiro contacto com o projecto e obra de Setúbal, teve o seu início com a polémica construção de um muro, que um jornal local não hesitou em chamar-lhe "o muro da discórdia". Existira então uma barreira em forma de gradeamento dos anos 40, que continha no seu centro uma pequena escada e um portão. Este era o cenário possível de relação com a vizinhança.

Do lado esquerdo deste gradeamento existe um outro mais pequeno que dá acesso a um espaço aberto que antecede a igreja. Do lado direito existe um muro/parede que contém um portão de maiores dimensões que dá caminho à ala nascente do Convento. Pelo facto do edifício estar encaixado na antiga e apertada malha urbana da cidade, estabelece com o edificio envolvente relações de proximidade muito fortes, às quais o imaginário colectivo daquelas gentes se habituou. Mas é uma memória de um passado relativamente recente e

que não repunha a lógica do seu primitivo uso. Assim como os vãos abertos pelos militares na fachada poente, no piso 1, que marcavam uma enorme centralidade destruindo a lógica lumínica, rítmica, e as abóbadas de cruzaria, chegando mesmo a cortar algumas mísulas para poderem desenhar na fachada uns vãos de imponente considerável, que aliados a dois apoios para bandeiras, duas enormes palmeiras e tudo a eixo com o portão lhe davam um carácter conseguido de instituição militar.

II.III.II. O Cliente

A Diocese de Setúbal e o seu carismático Bispo D. Manuel Martins, fez-se representar pelo seu tesoureiro Sr. Padre Carlos Rosmaninho, o homem que intermediou as conversas entre o Bispo e o arquitecto Bernardo Miranda.

A sua grande abertura e capacidade de compreensão fizeram dele um cliente excepcional, mostrando os seus receios, formando as suas opiniões e que perante os outros caminhos que lhe iam sendo propostos, fazia o esforço, que se notava custoso, para se embrelhar num novo discurso.

II.III.III. A Fonte

Retirados do claustro os quatro canteiros de tijolo rebocado, três limoeiros enormes e um barracão azul que servia de quartel para os escuteiros, era agora possível observar as arcadas e deixá-las respirar.

A presença do elemento água e o ruído que poderia preencher o claustro e as arcadas, nasce também da vontade e do envolvimento do Sr. Padre Carlos Rosmaninho. Mas como repôr o verde retirado? Qualquer árvore pequena ou arbusto parecia excessivo e poderia competir com a fonte criando tensões num espaço que se quer com alguma paz. Poder-se-ia ligar a fonte a um canteiro e conter uma pequena árvore, mas tornava ainda mais difícil de resolver o resto do claustro.

A ideia de um bloco de pedra que vertesse água pelas próprias paredes, começou a ganhar forma e tal autonomia que não suportava a anexação de nenhum elemento. A própria bica em tubo de aço inox não tocava a fonte. A distinção entre a pedra de azulino de cascais que constituía a fonte e o lioz de que se compunham as arcadas, nascia não só da necessidade de distinguir claramente os dois tempos, mas também do facto do azulino de cascais amaciado se comportar de forma radicalmente oposta quando está seca ou molhada, destacando as peças da fonte por onde não escorre a água.

A linguagem simples que acompanha o convento atinge aqui o seu lado mais mínimo. Com a arquitecta paisagista Inês Norton, discutiu-se toda a filosofia subjacente à intervenção e optou-se por introduzir o verde com a relva, fazendo-se o toque com o claustro por intermédio de uma faixa de brita permitindo, não só proteger a relva da queda das águas provenientes das gárgolas, como também autonomizar a arcada envolvente.

Num primeiro contacto, divide pessoas entre um não gostar de todo e aquelas que até lhe reconhecem alguma beleza. A opinião de que é demasiado moderna e estará desenquadrada, surge daquela capacidade que ainda não se alargou, mas que se usa todos os dias, de que dois tempos podem coexistir. A reacção a tudo o que é estranho também tem a sua importância, pois ao fim de algum tempo, desenvolvem-se algumas relações de hábito e aquele objecto que até incomodava, passou a ser no conjunto com o arranjo do claustro, um elemento digno de outra adjectivação.

II.III.IV. O Mobiliário

A relativa dificuldade em optar por diversas soluções que o mercado do mobiliário apresentava e a não menos relativa especificidade do que se pretendia, foram condicionantes suficientes, para que se aventurasse uma empreitada de mobiliário.

A arquitectura estendia-se agora para as peças que iriam povoar o convento. As cadeiras, mesas, camas, cómodas,

aparadores, secretárias, estantes, cozinha e até uma capela, entre outros aliavam-se de alguma forma ao discurso de simplicidade e alguma austeridade do Convento.

Optou-se para as peças pela mesma madeira do pavimento proposto, a afzélia amarela.

As peças de secção 3x3 e no caso das mesas e das camas 6x6, jogavam com esta linguagem de maciços e folheados, tirando partido estético dos diferentes níveis de oxidação que cada um oferecia.

A cadeira, objecto aréstico que procura o despojamento formal com um lado qualquer muito explorado na obra de Donald Judd, mas quebrando alguma da sua radicalidade, na pequena curvatura e inflexão no encosto, dando-lhe o conforto necessário à permanência prolongada.

Estabeleceu-se uma relação métrica com a mesa, terminando esta quando começa o encosto curvo e inflectido.

As proporções e algum do desenho ficou a dever-se ao resultado de conversas com o Sr. Gingado, o carpinteiro, que ia orientando para o sentido estrutural de algumas peças que não podiam ser tão mínimas.

CAPÍTULO III

III.1 CONCLUSÃO

Com o estágio no atelier houve a oportunidade de se poder lidar com a última escala da arquitectura, ter a percepção em que é que a realidade confirma ou contradiz o projecto.

Falar do que foi materializar essa disciplina de pensamento, essa arte de acompanhamento é falar do longo tempo de gestação que a arquitectura encerra. Frágil, cheia de momentos de intenso fervor, de vontades refeitas, de alegrias e angústias tangíveis.

APRECIACÃO

APRECIACÃO

No âmbito do curso de grau de licenciatura em Arquitectura, pela Faculdade Técnica de Arquitectura de Lisboa, Pedro Augusto Pereira Oliveira de Carvalho realizou estágio na equipa onde cedeu a sua estadia contratada.

O estágio com duração de seis meses, teve início a 23 de Janeiro e concluiu-se a 31 de Agosto, tendo sido caracterizado por todo o tipo de participação e experimentação de metodologia projectual e realização paralela sobre as vertentes e equivalências do estágio arquitectónico.

Planteou-se que o trabalho de estágio se caracterizasse de forma atípica do tipo a metodologia própria do estágio, tendo sido proposta ao candidato a participação na elaboração de um projecto de uma moradia unifamiliar em Arcos de Lisboa a par do contacto regular com a faculdade mediante visitas a uma sala em construção - A Casa Epitáfio de Lisboa.

Considerando que teve das suas qualidades pessoais e profissionais, nomeadamente no domínio de competências profissionais de natureza criativa e de reflexão individual sobre o Desenho a par de um elevado sentido de responsabilidade na execução das tarefas que lhe foram confiadas, permitiu-me afirmar o excelente desempenho e aproveitamento do seu trabalho durante o estágio e acreditar no seu contributo futuro para a difusão e humanização da Arquitectura.

Lisboa, 23 de Setembro de 1995.


Bernardo Pizarro Miranda

APRECIACÃO

APRECIÇÃO

SUMÁRIO

No sentido de obter o grau de licenciatura em Arquitectura, pela Faculdade Técnica de Arquitectura de Lisboa, Pedro Gonçalo Ferreira Caetano de Carvalho realizou integrado na equipa deste atelier o seu estágio curricular.

1. INTRODUÇÃO

O estágio com duração de sete meses, teve início a 25 de janeiro e conclusão a 31 de agosto, tendo sido estruturado em torno de dois polos : participação e experimentação da metodologia projectual e reflexão paralela sobre as vertentes e polivalências da criação arquitectónica.

2. O ATÉLIER

2.1. O TRABALHO REALIZADO

Procurou-se que o trabalho de estágio se aproximasse de forma efectiva do ritmo e metodologia própria do atelier, tendo sido proposto ao candidato a participação na elaboração de um projecto de uma moradia unifamiliar em Aveiras de Baixo a par do contacto regular com a fase de assistência técnica a uma obra em construção - A Casa Episcopal de Setubal.

2.2. A RECUPERAÇÃO DO ANTIGO CONVENTO DE S.

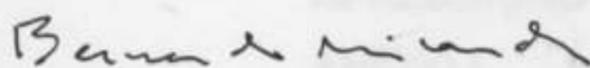
DOMINGOS DE SETUBAL

O conhecimento que tive das suas qualidades pessoais e profissionais, nomeadamente nos domínios da composição arquitectónica, da tecnologia construtiva e da reflexão aprofundada sobre o Desenho a par de um elevado sentido de responsabilidade na execução das tarefas que lhe foram confiadas, permite-me afirmar o excelente desempenho e aproveitamento do seu trabalho durante o estágio e acreditar no seu contributo futuro para a dignificação e humanização da Arquitectura.

CARTILHA

3. CONCLUSÃO

Lisboa, 23 de Setembro de 1998



Bernardo Pizarro Miranda

SUMÁRIO

CAPÍTULO I

I INTRODUÇÃO

CAPÍTULO II

II.I O ATELIER

II.II O TRABALHO REALIZADO

II.II.I CASA UNIFAMILIAR EM AVEIRAS DE BAIXO

II.II.II O PROJECTO DE EXECUÇÃO

II.II.III O CLIENTE

II.III RECUPERAÇÃO DO ANTIGO CONVENTO DE S. DOMINGOS DE SETÚBAL

II.III.I A OBRA

II.III.II O CLIENTE

II.III.III A FONTE

II.III.IV O MOBILIÁRIO

CAPÍTULO III

III.I CONCLUSÃO

APRECIÇÃO

ANEXO I

ANEXO II

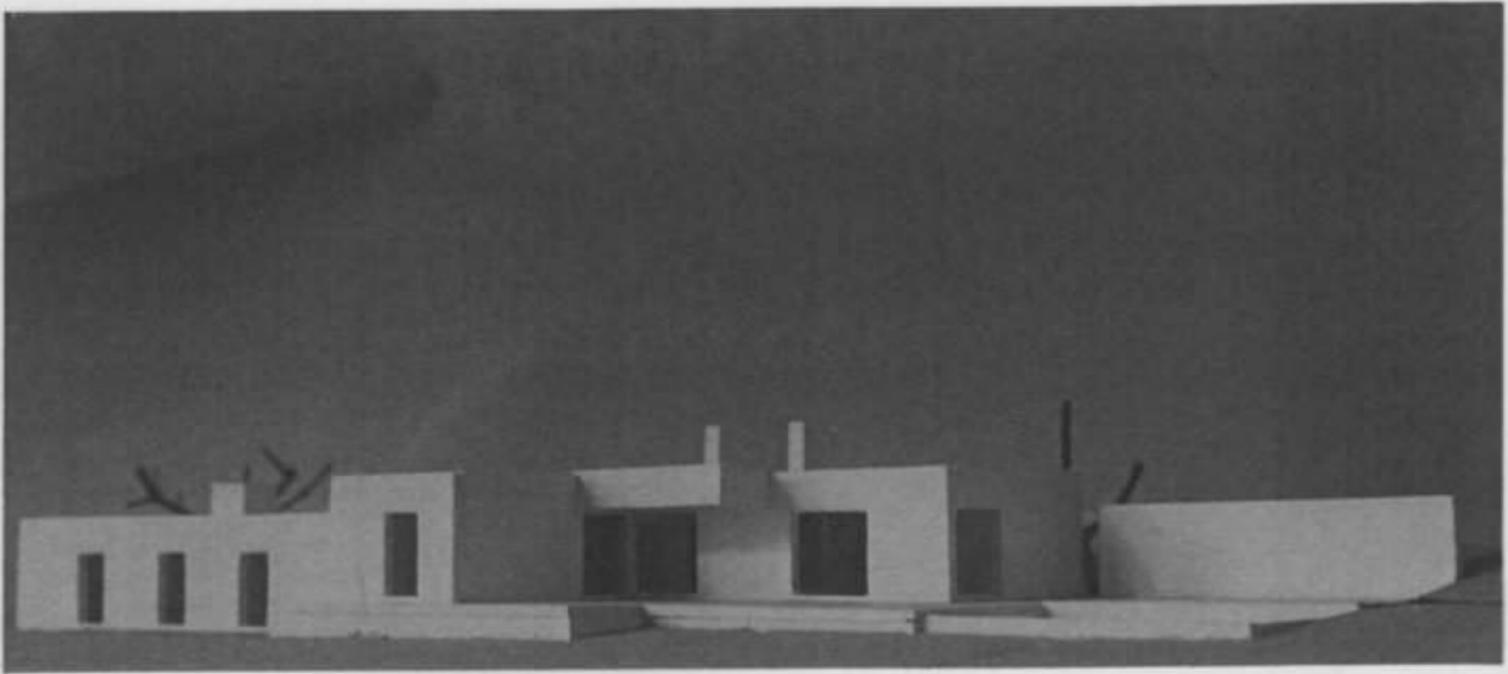
ANEXO I

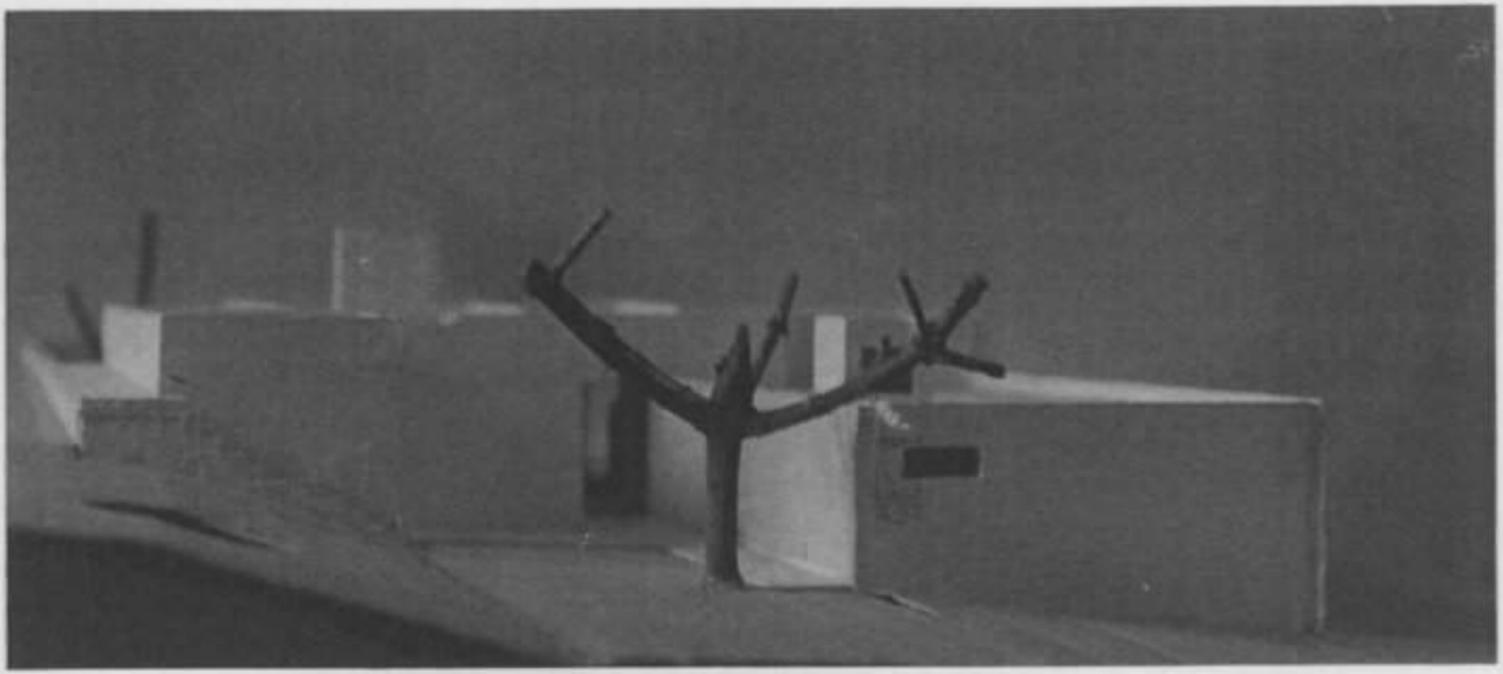
ANEXO I

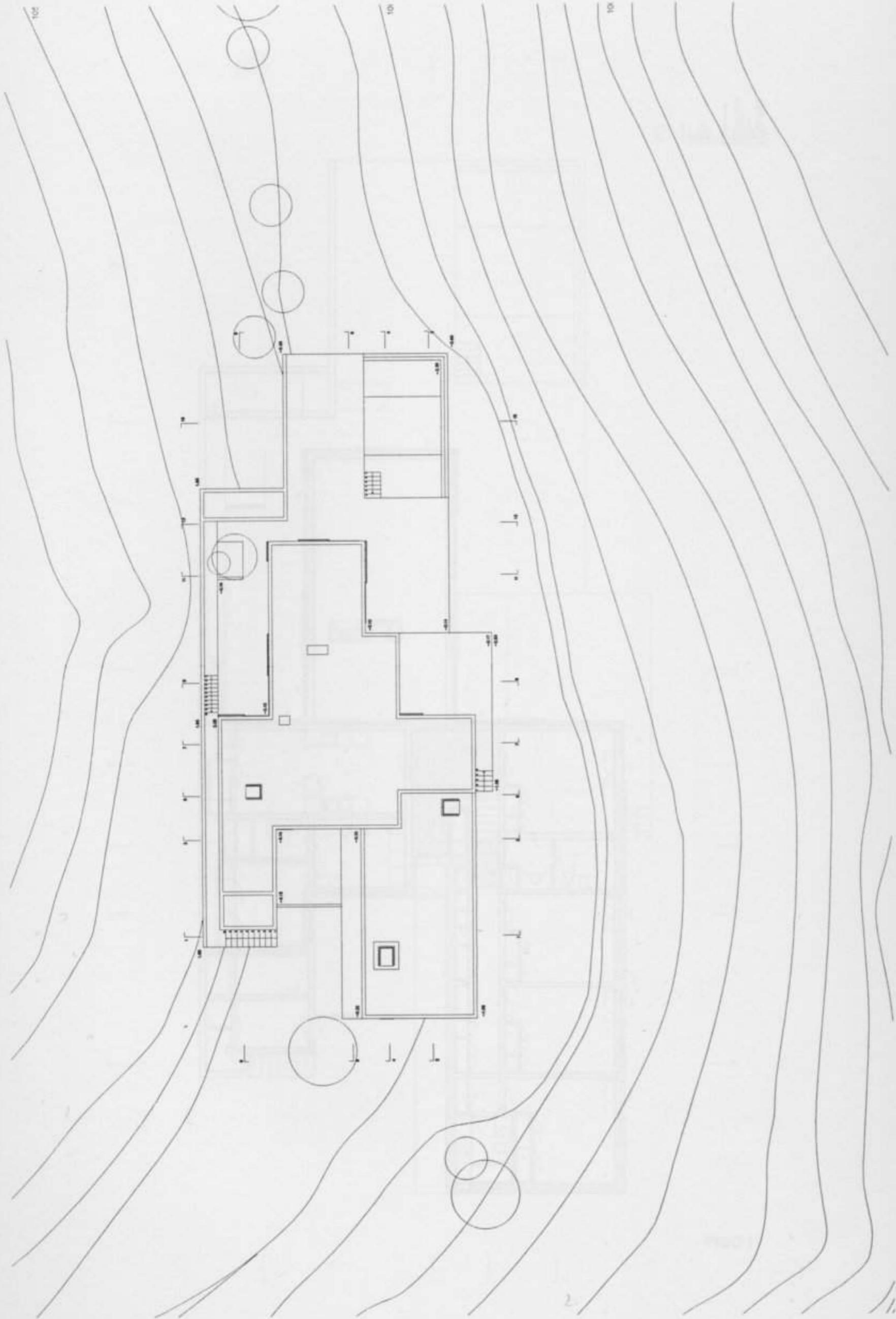
CASA UNIFAMILIAR EM AVEIRAS DE BAIXO

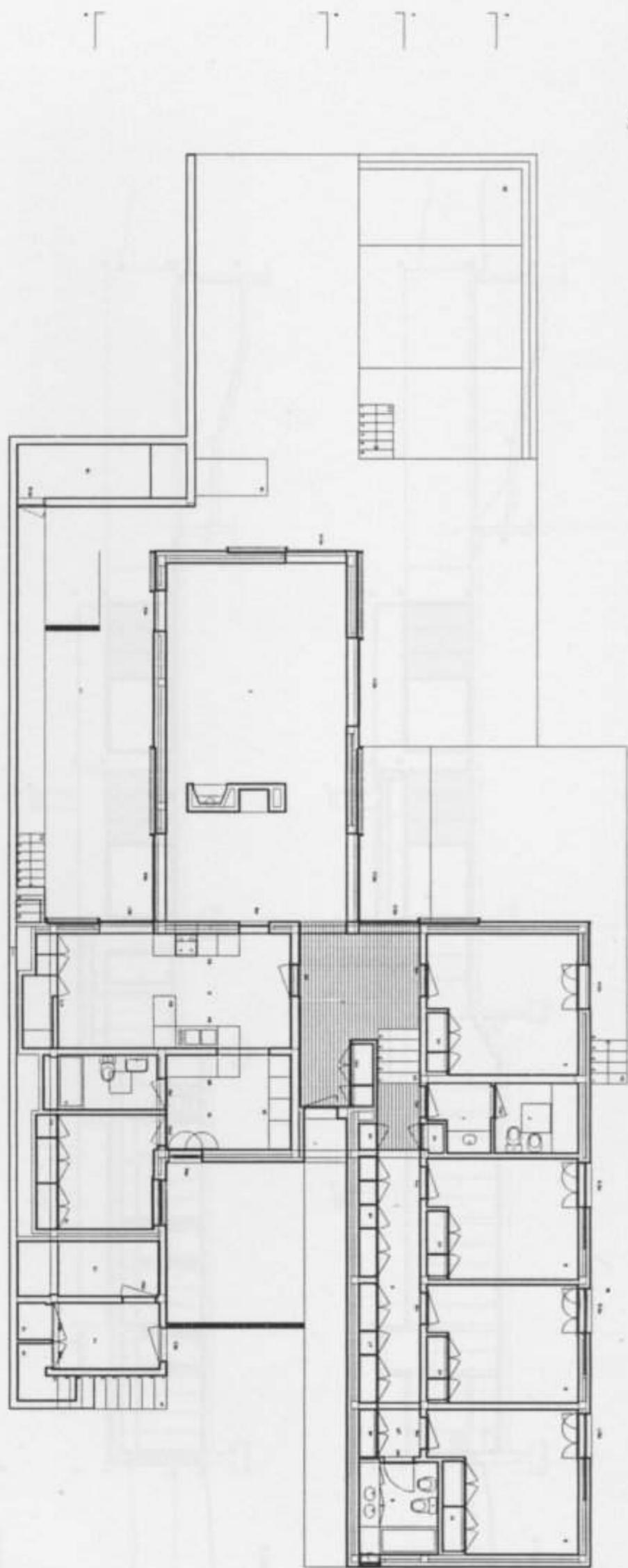


CASA UNIFAMILIAR EM AVEIRAS DE BAIXO





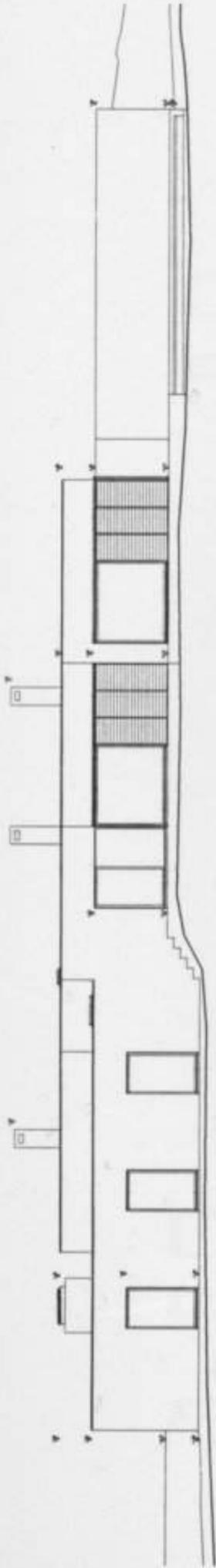




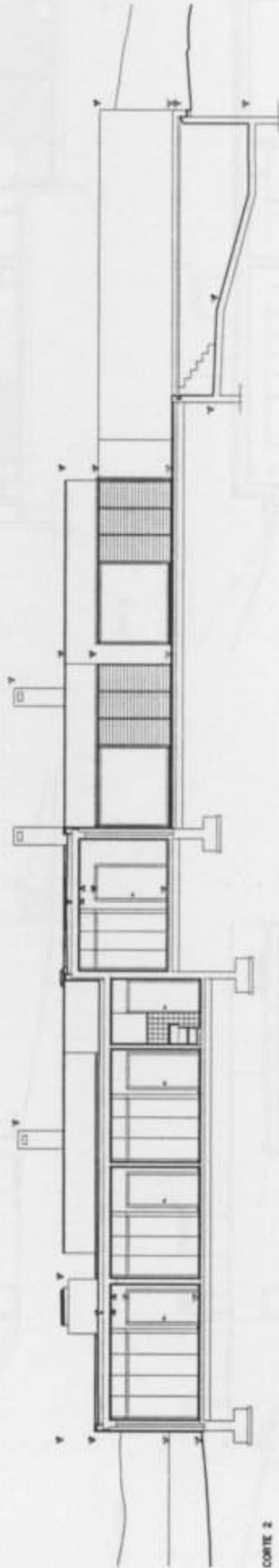
Ø

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	-----

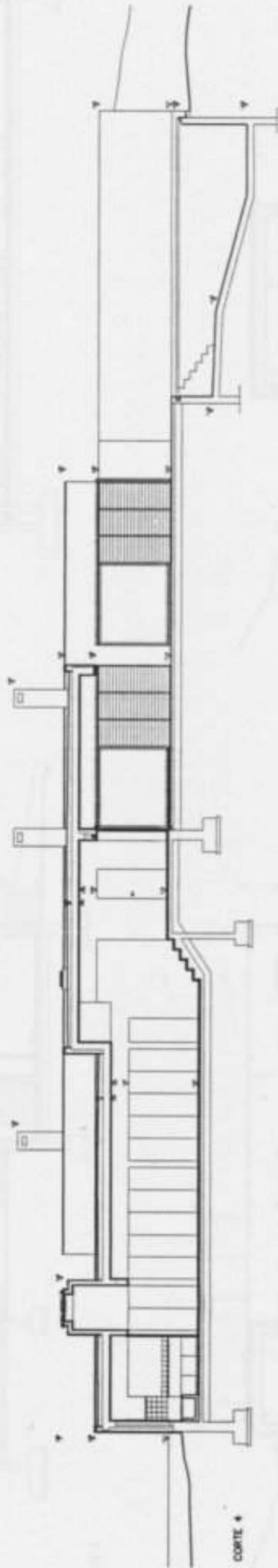
PISO I



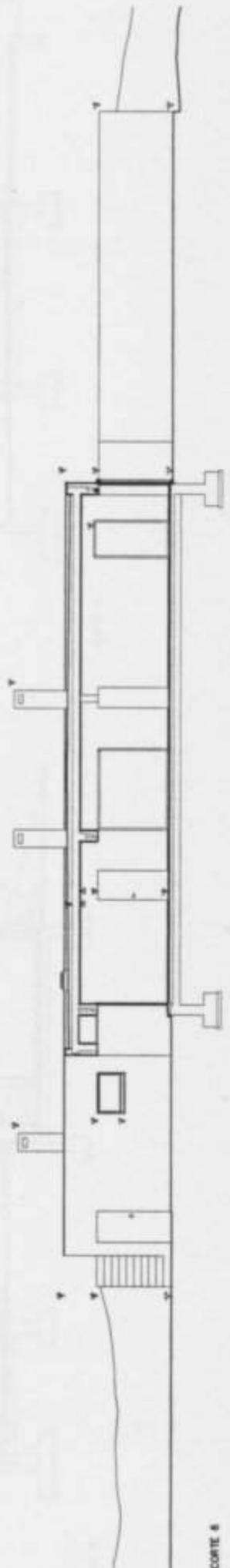
ALCADO SUL



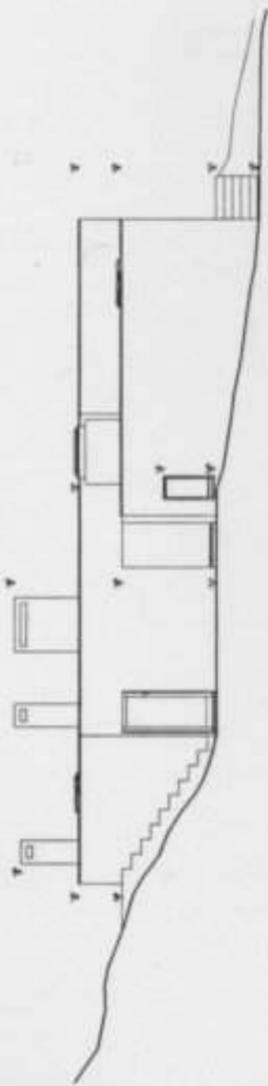
CORTE 2



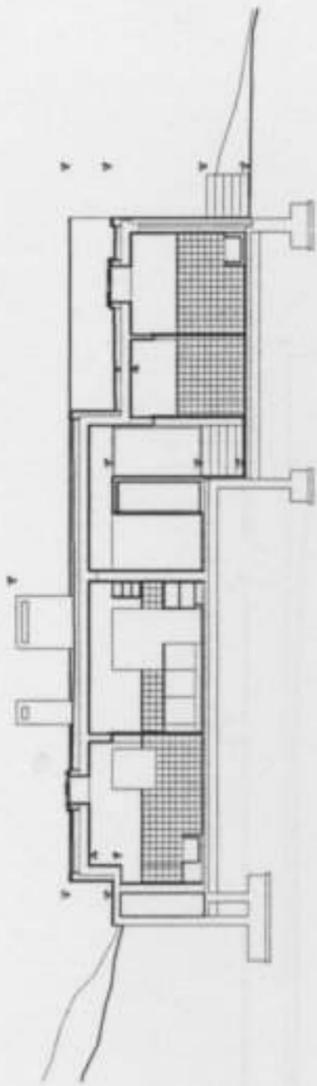
CORTE 4



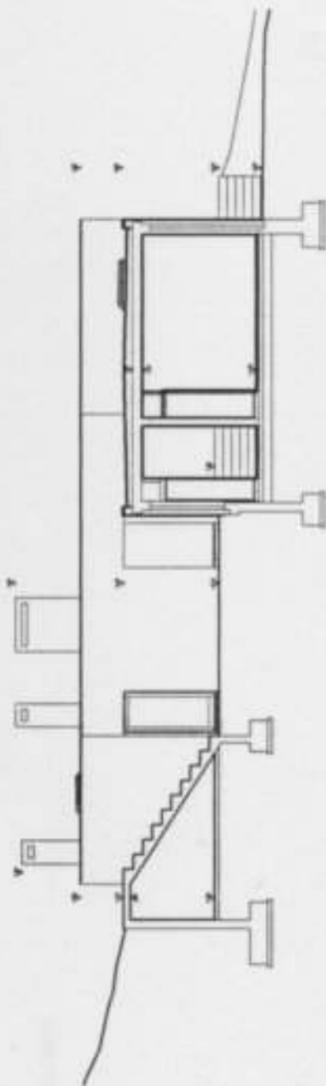
CORTE 6



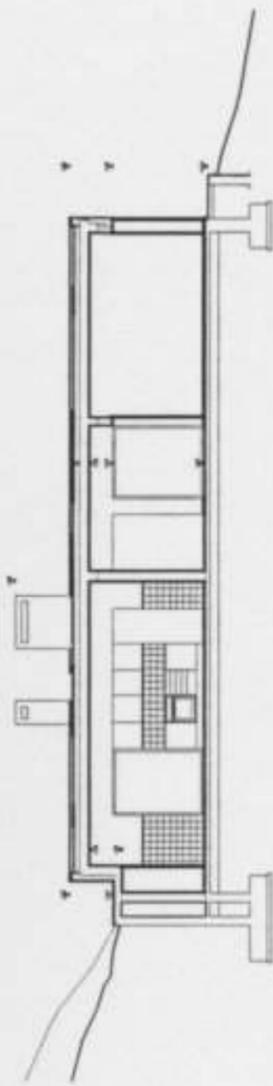
ALCADO PUNTE



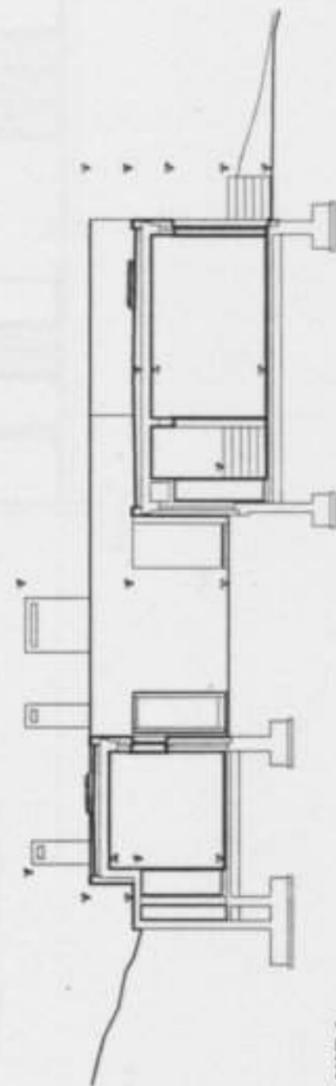
CORTE 5



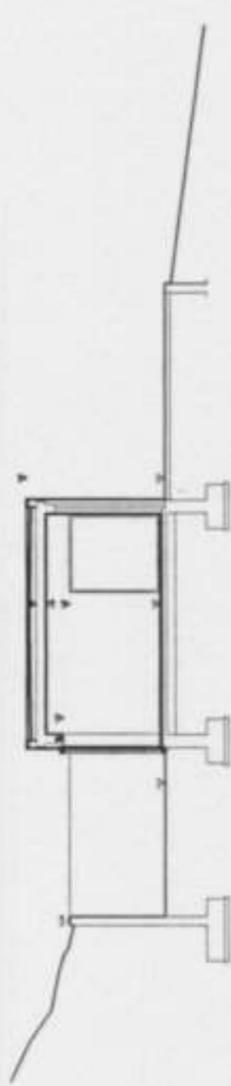
CORTE 1



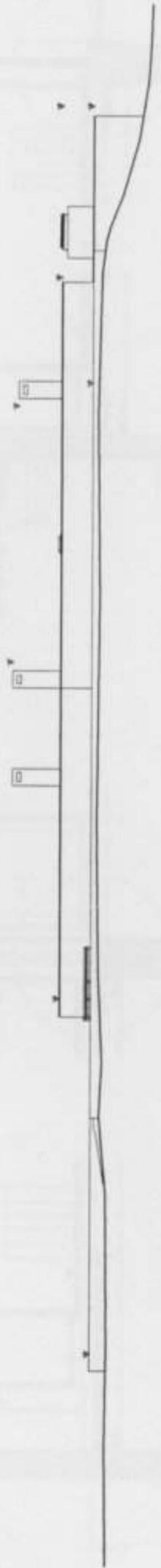
CORTE 7



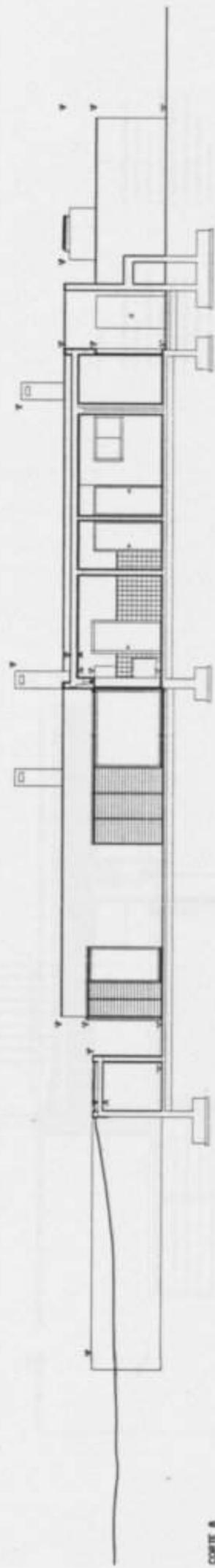
CORTE 3



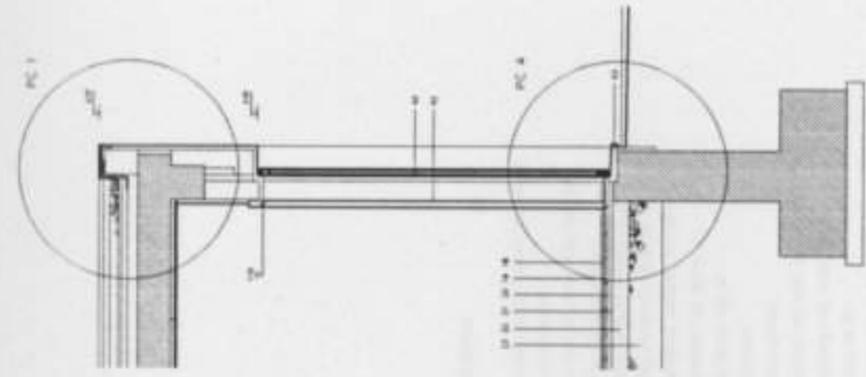
CORTE 11



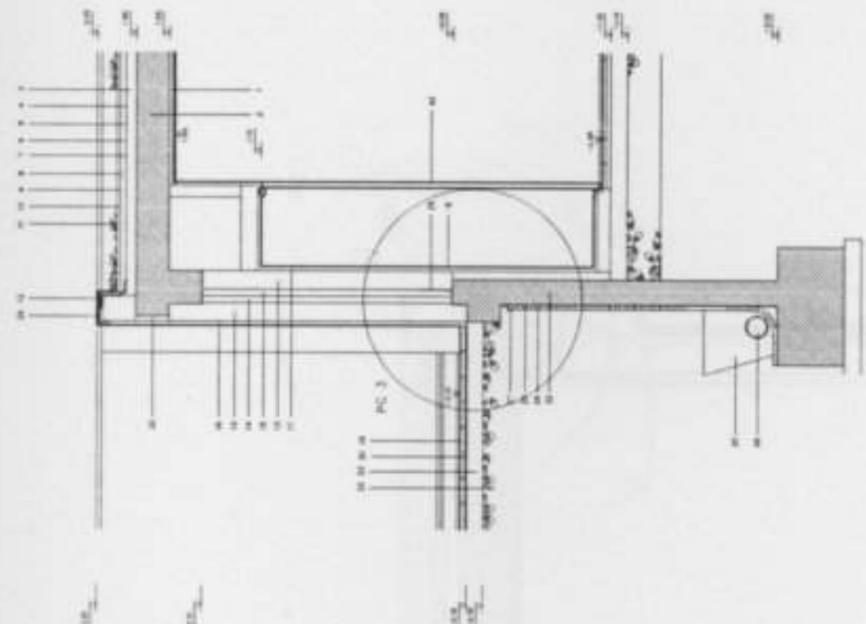
ALCADO NORTE



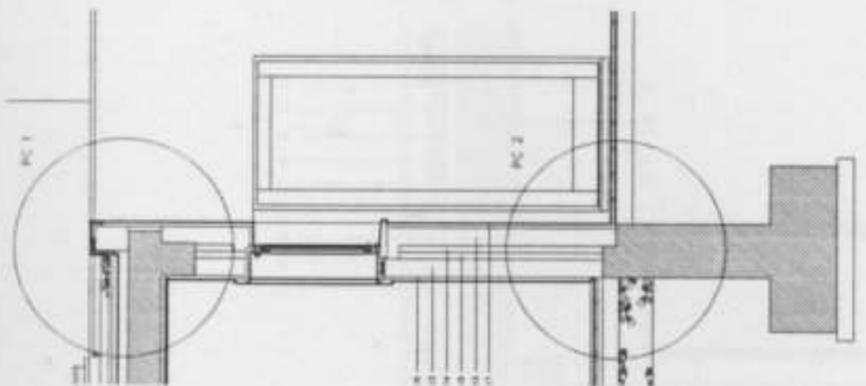
CORTE 6



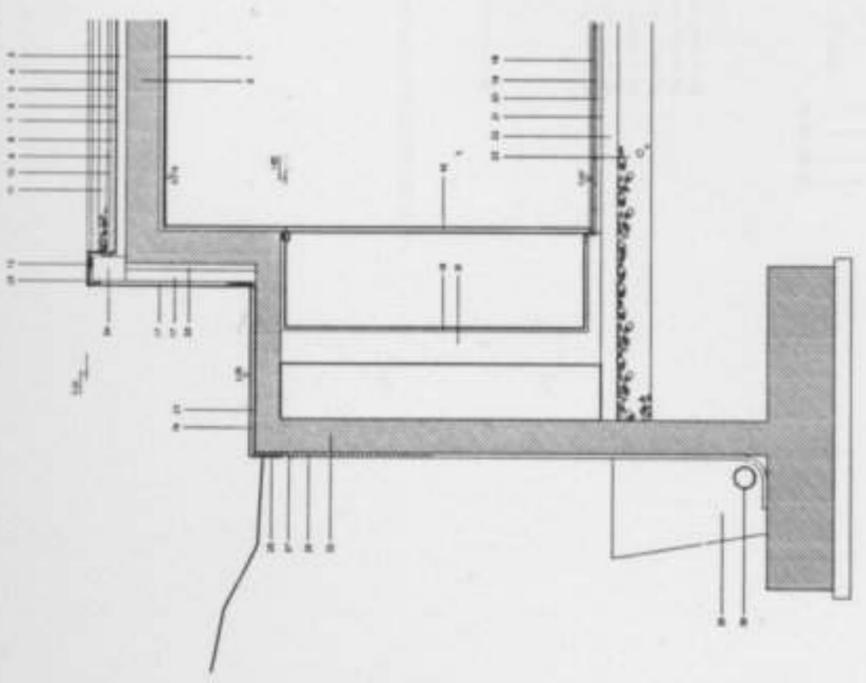
CC 1
(corte 3)



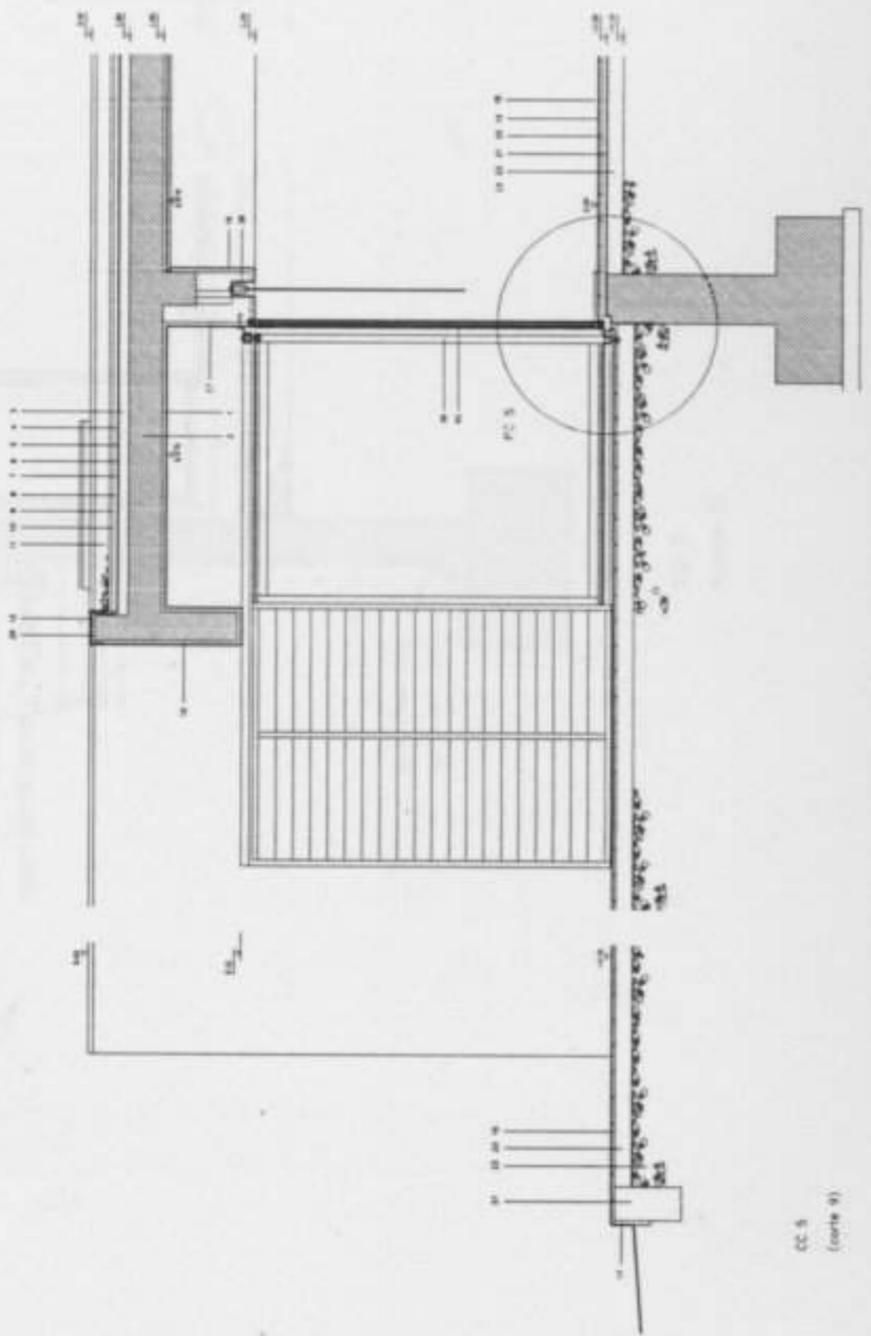
CC 2
(corte 3)



CC 3
(corte 3)

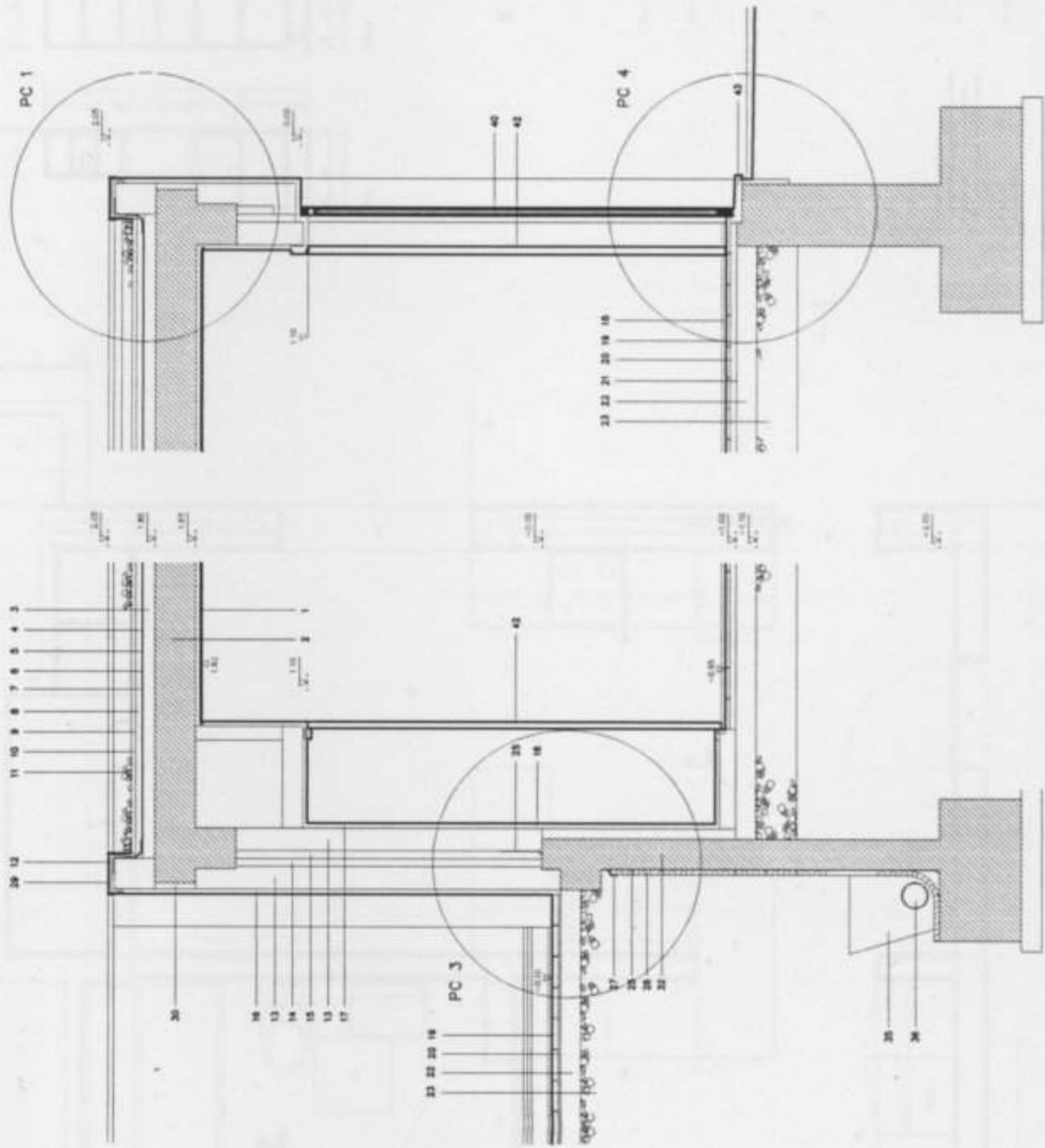


CC 4
(corte 3)



CC 5
(corte 3)

- LEGENDA**
- 1. CEMENTO PORTLAND MARIPOSA
 - 2. LATA DE ALUMINIO
 - 3. CEMENTO DE TRABAJO CON SUELO
 - 4. CEMENTO PORTLAND
 - 5. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 6. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 7. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 8. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 9. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 10. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 11. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 12. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 13. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 14. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 15. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 16. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 17. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 18. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 19. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 20. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 21. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 22. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 23. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 24. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 25. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 26. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 27. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 28. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 29. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 30. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 31. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 32. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 33. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 34. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 35. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 36. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 37. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 38. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 39. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 40. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 41. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 42. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 43. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 44. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 45. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 46. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 47. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 48. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 49. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 50. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 51. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 52. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 53. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 54. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 55. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 56. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 57. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 58. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 59. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 60. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 61. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 62. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 63. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 64. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 65. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 66. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 67. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 68. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 69. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 70. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 71. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 72. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 73. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 74. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 75. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 76. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 77. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 78. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 79. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 80. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 81. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 82. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 83. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 84. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 85. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 86. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 87. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 88. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 89. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 90. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 91. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 92. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 93. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 94. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 95. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 96. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 97. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 98. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 99. MALLA METÁLICA EN CEMENTO
 - 100. MALLA METÁLICA EN CEMENTO

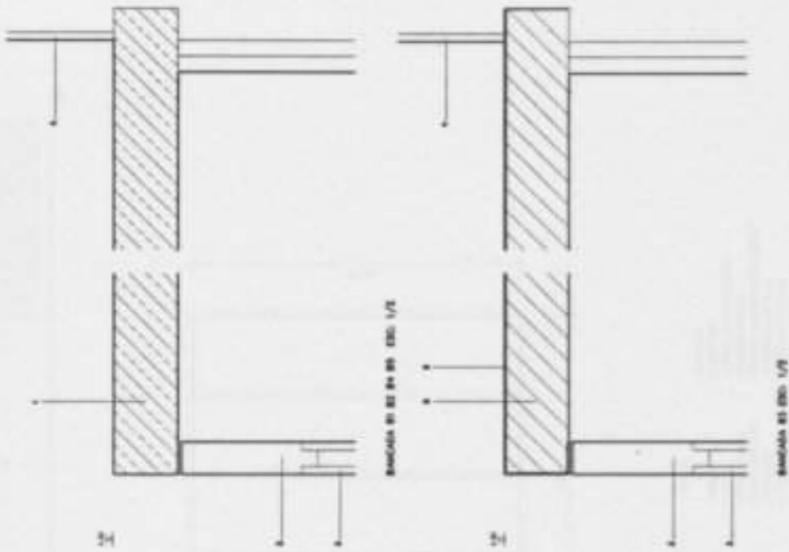
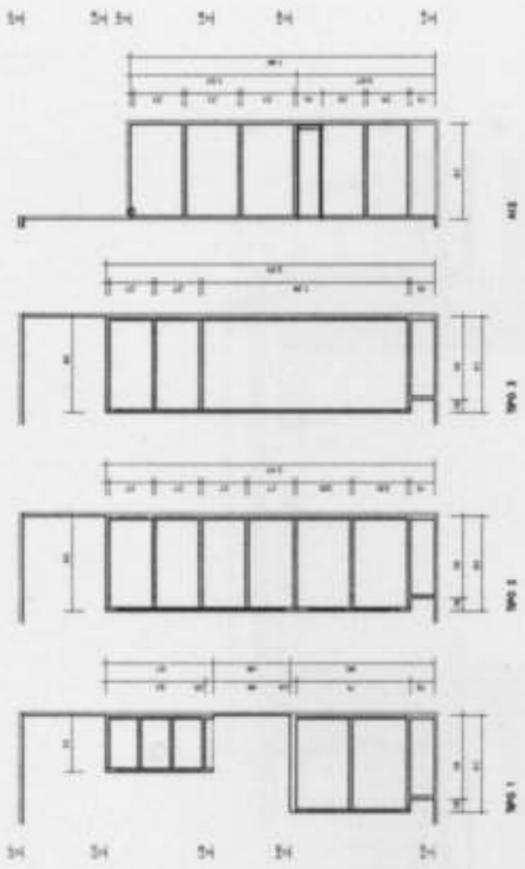


CC 3
(corte 3)

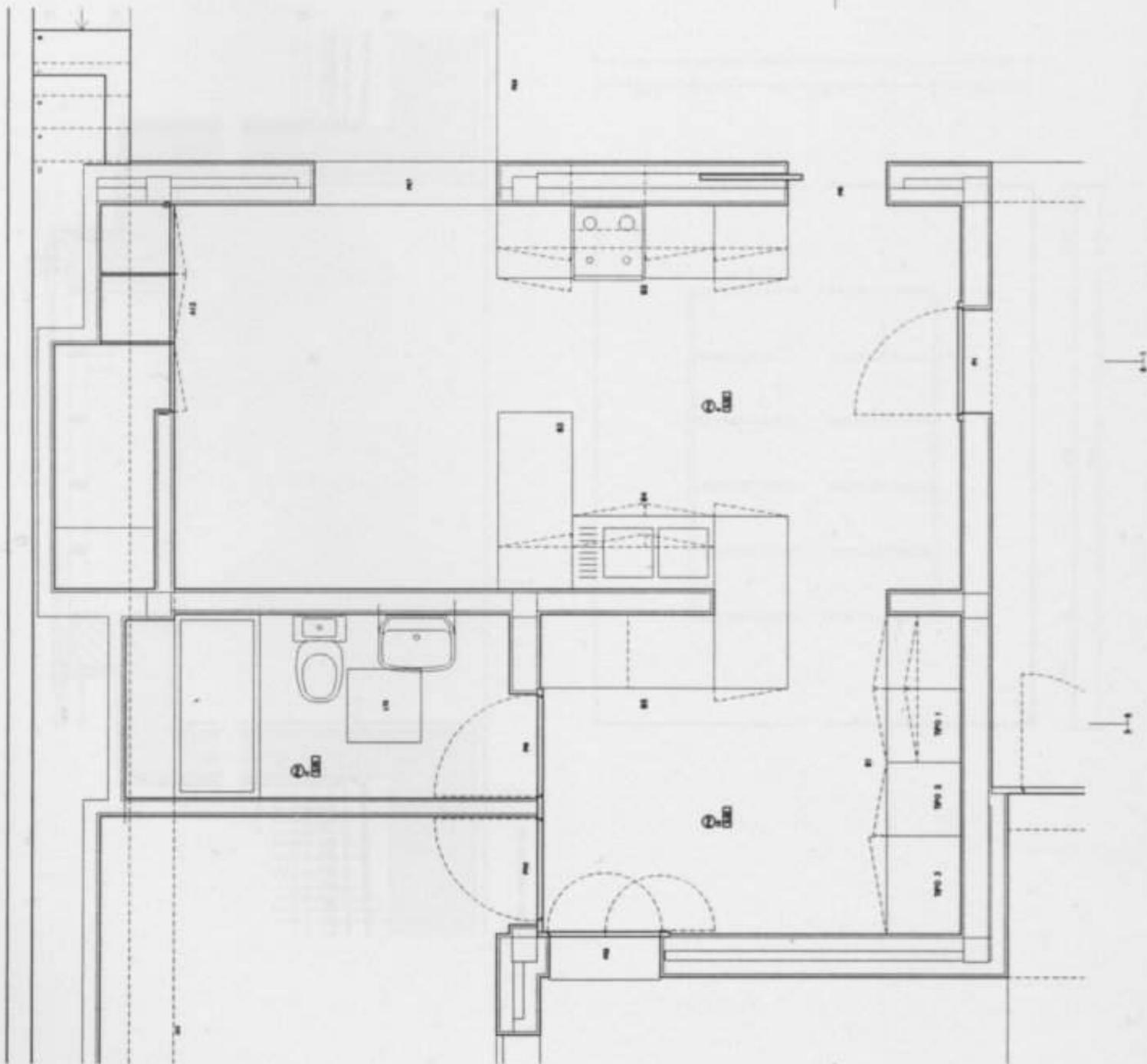
CC 4
(corte 3)

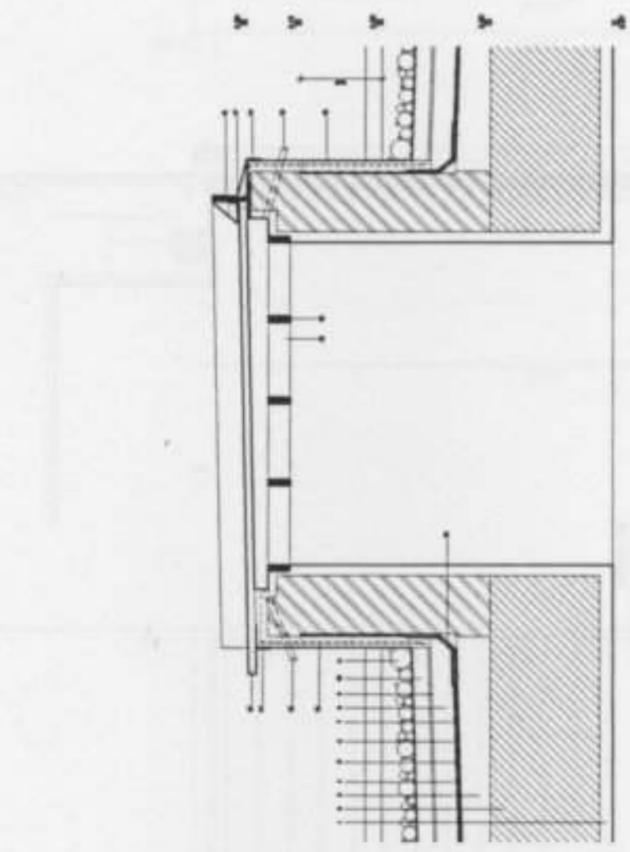
LEGENDA

- 1 ESTUQUE SOBRE REBOCO SARRAFADO
- 2 TALE DE BETÃO
- 3 CAMADA DE FORMA COM CORTIÇA
- 4 PRIMEIRO BETUMINOSO
- 5 TELA ASFÁLTICA POLYPLAS 30
- 6 TELA ASFÁLTICA POLYPLAS 40
- 7 GEOTEXTIL IMPERDEET 105 GR
- 8 ROOFMATE SL 40mm
- 9 GEOTEXTIL 105 GR
- 10 BETONINA
- 11 SÓDIO SOLADO
- 12 REBOCO COM REDE DE CAPOEIRA
- 13 ALUMINA DE TUBO DE 11
- 14 CASA DE AR
- 15 ROOFMATE CW 40
- 16 REBOCO ESTANHADO
- 17 REBOCO ARELADO FINO
- 18 BORDA-DE EM CANTONEIRA DE ZINCO
- 19 TUBERIA RÍGIDA 150x30
- 20 BETONINA DE ASENTAMENTO
- 21 TELA DE PVC
- 22 MASSAME DE BETÃO
- 23 EMPRACAMENTO
- 24 MURO DE SUPORTE
- 25 TELA ASFÁLTICA POLYPLAS 40 P
- 26 DELTA DRAIN - GEOTEXTIL
- 27 POPPL DELTA -45
- 28 TUBO LACADO EM ZINCO PARA PINTAS
- 29 CAPAMENTO EM CHAPA DE ZINCO
- 30 FERRA TÉCNICA EM TUAZERA DE 3
- 31 ALUMINA DE TUBO DE 20
- 32 MURO DE SUPORTE
- 33 ALUMINA DE TUBO DE 7
- 34 ALUMINA DE TUBO DE 15
- 35 BORDADO
- 36 CAMADA PREPARANTE EM BRITA
- 37 MORTO EM BETÃO COM 40 X 20
- 38 ESTOPE VITÓRIA - SOLDREEM
- 39 PORTADA EXTERIOR LLAMB ALU 105
- 40 ALUMINO TÉCNICA DE - MONO CARREL
- 41 ALUMINO TÉCNICA FC - JANA PORCELANITE
- 42 MADEIRA DE CAPOEIRA PARA PINTAS

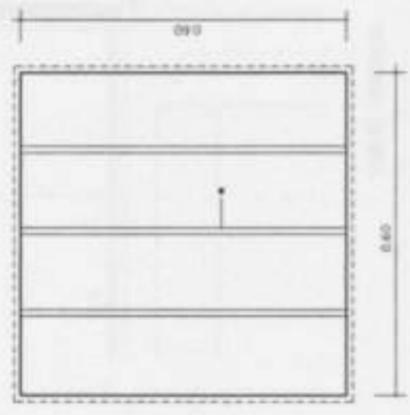


- LEGENDA**
- 1. PARED 1
 - 2. PARED 2
 - 3. PARED 3
 - 4. PARED 4
 - 5. PARED 5
 - 6. PARED 6

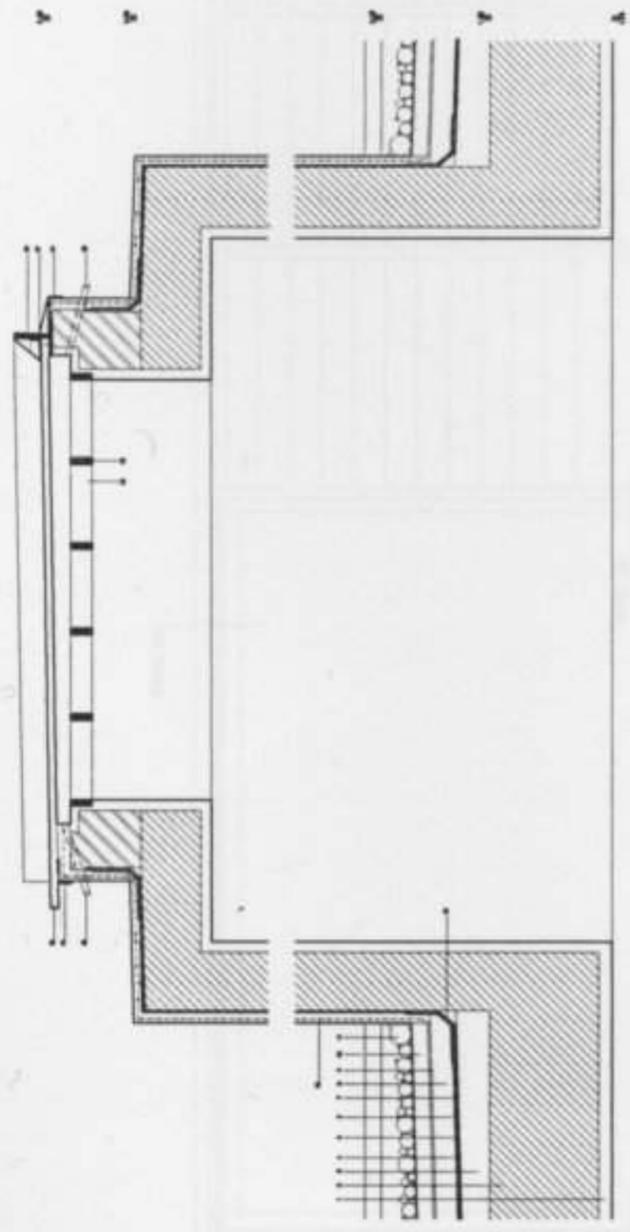




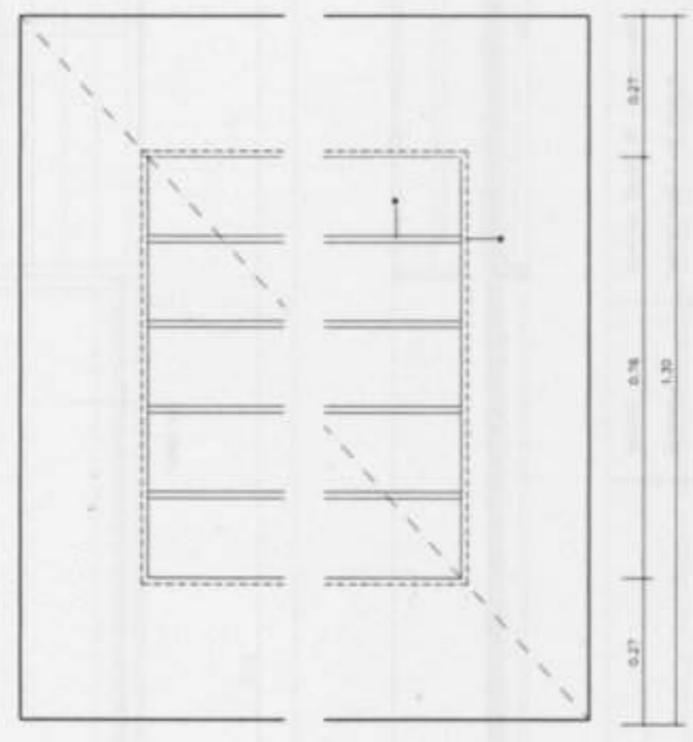
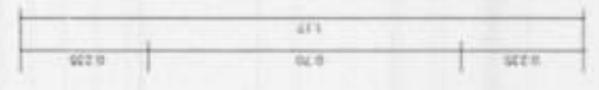
FENESTRACION 020. 1/5
DET. 1-1

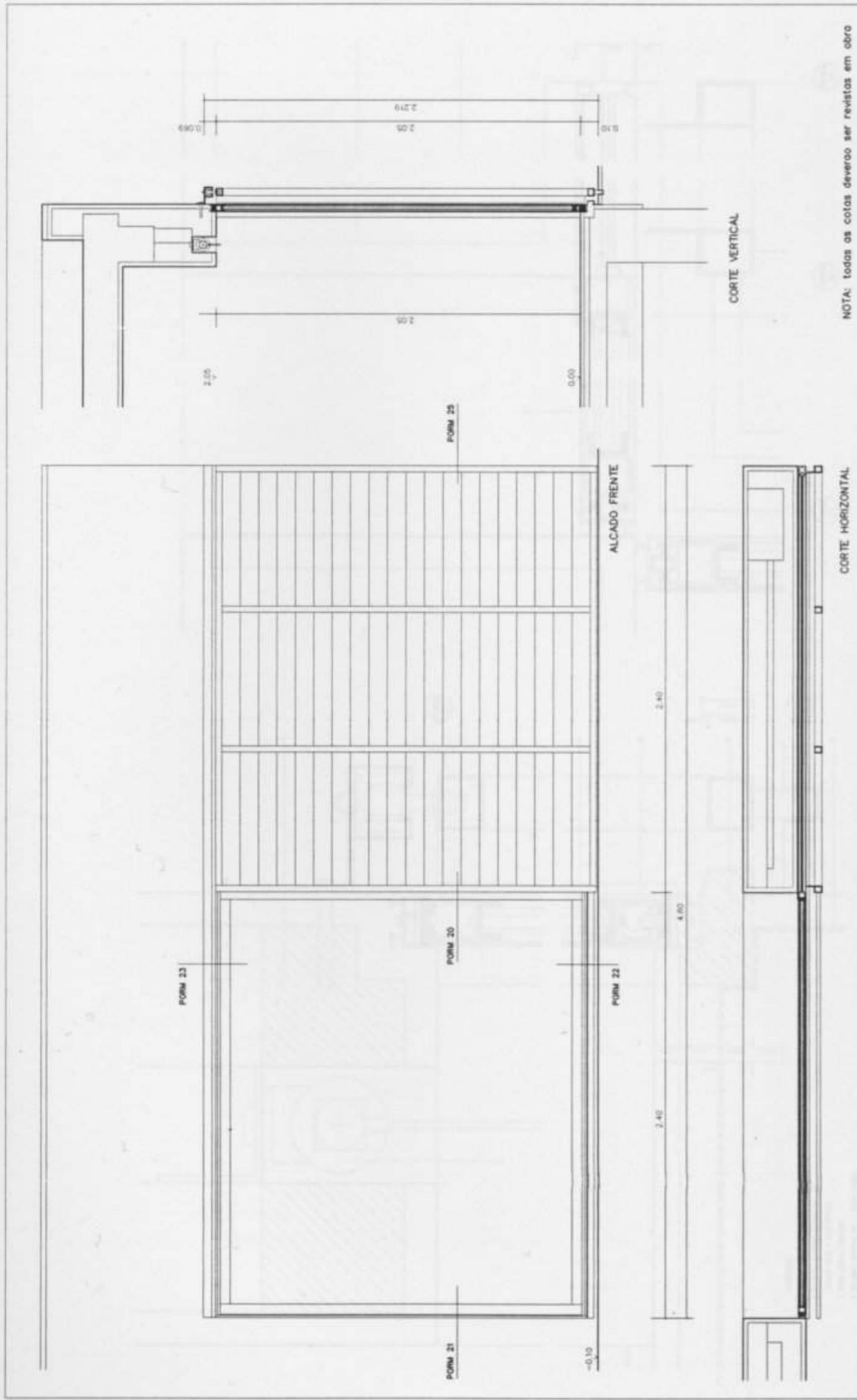


- LEGENDA
- 1. ALUMINIO
 - 2. VIDRIO
 - 3. PASTILLA DE POMO
 - 4. PASTILLA DE POMO
 - 5. PASTILLA DE POMO
 - 6. PASTILLA DE POMO
 - 7. PASTILLA DE POMO
 - 8. PASTILLA DE POMO
 - 9. PASTILLA DE POMO
 - 10. PASTILLA DE POMO
 - 11. PASTILLA DE POMO
 - 12. PASTILLA DE POMO
 - 13. PASTILLA DE POMO
 - 14. PASTILLA DE POMO
 - 15. PASTILLA DE POMO
 - 16. PASTILLA DE POMO
 - 17. PASTILLA DE POMO
 - 18. PASTILLA DE POMO
 - 19. PASTILLA DE POMO
 - 20. PASTILLA DE POMO



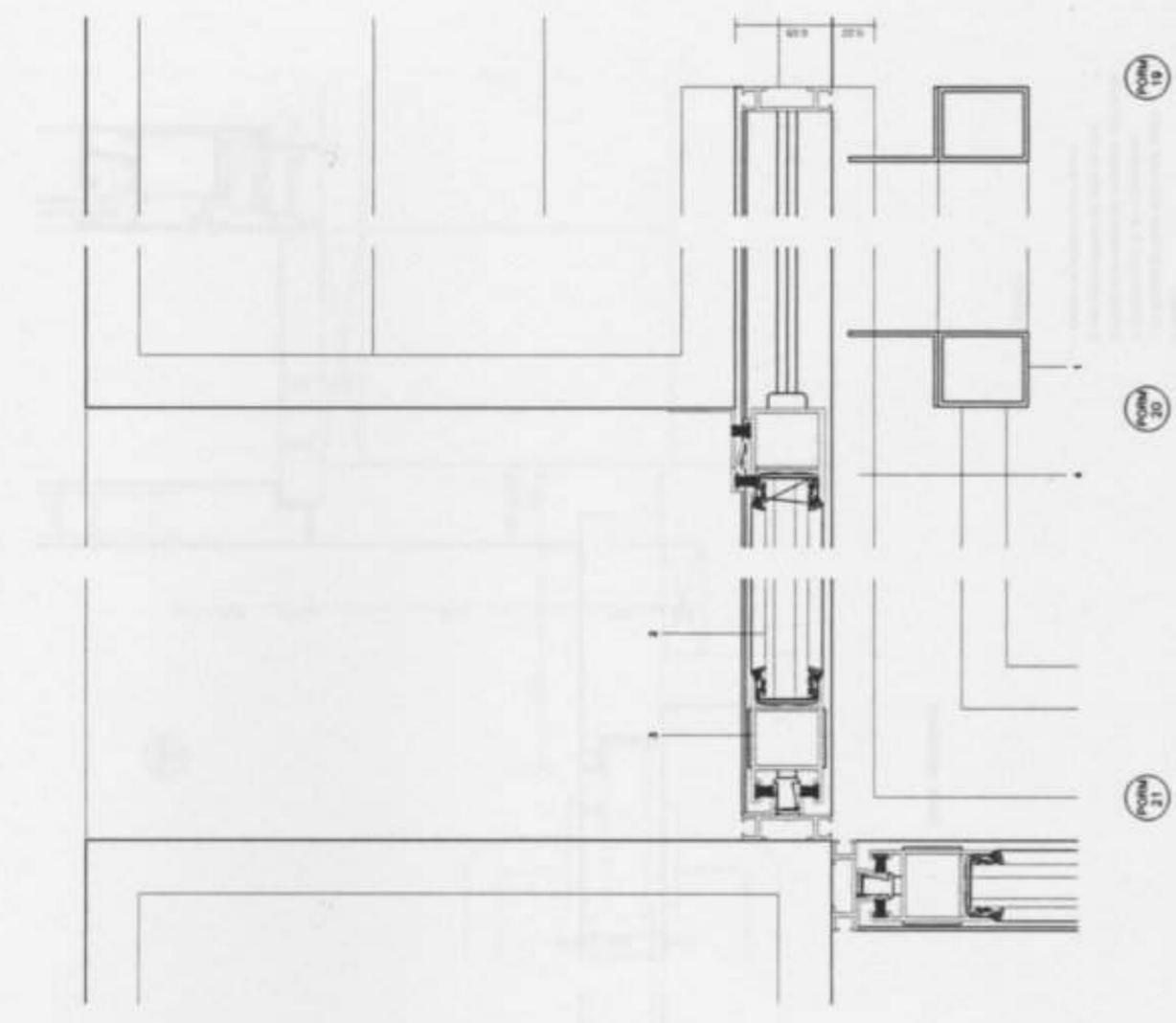
FENESTRACION 020. 1/5
DET. 2-2



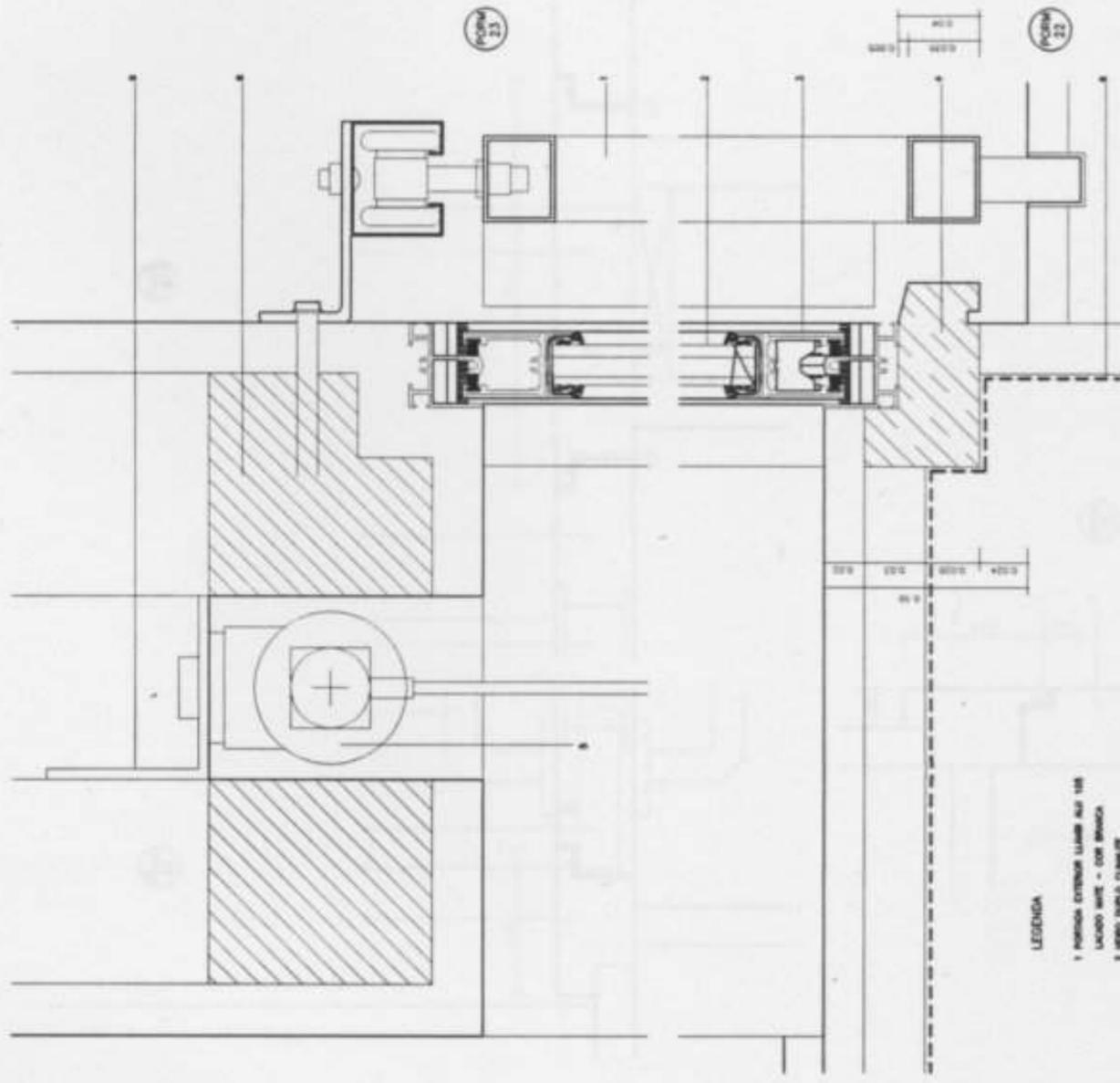


NOTA: todos os cotas deverão ser revistas em obra

Designação	FE 11	Materiais	Alumínio Technal GE - mono corti	Arquiteto	BERNARDO PIZARRO MIRANDA Arq.	REF. 21-98	32
Quantidade	1	Acabamento	Lacado mate - cor bronze	Proj. Del.	R. B. CARLOS MASCARENHAS ES. P/C DEL. 1070 LUBROA	DATA: FEV 98	
Tipo	Correr de 1 folha	Ferragens	Portada de correr pelo exterior mod. ALU 105 Unimel	TEL.	3887214	EDC. 1/20	
Vidro	Duplo de 6 L + 10 es + 6	Observações	Estrutura interna mod. Sobresol				



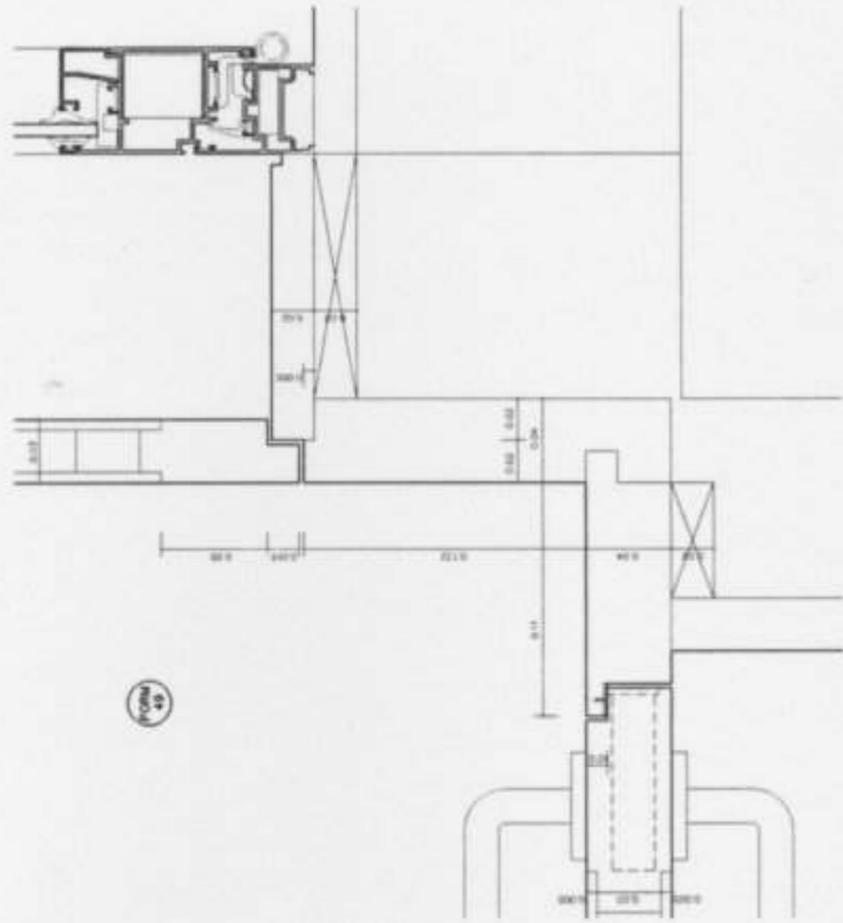
CORTE HORIZONTAL



CORTE VERTICAL

LEGENDA

- 1 PERFILES EXTERIORES LLAMAS ALU 118
- 2 LACADO INTERIOR - CON BORNOCA
- 3 BARRA IMPULSO CLIMATIZACION
- 4 ALUMBRADO TECNICO DE - MODO CALOR
- 5 PUNTA DE AYUDA
- 6 ESTREPE INTERIOR - BALSASIN
- 7 TELA EN PVC
- 8 PERFIL DE FICHAJE EN CARBONO EN ACERO ENMARCADO ENLACADO CON BARRA EPDM
- 9 LAMEL DE METAL
- 10 PERFIL METALICO



CORTE HORIZONTAL

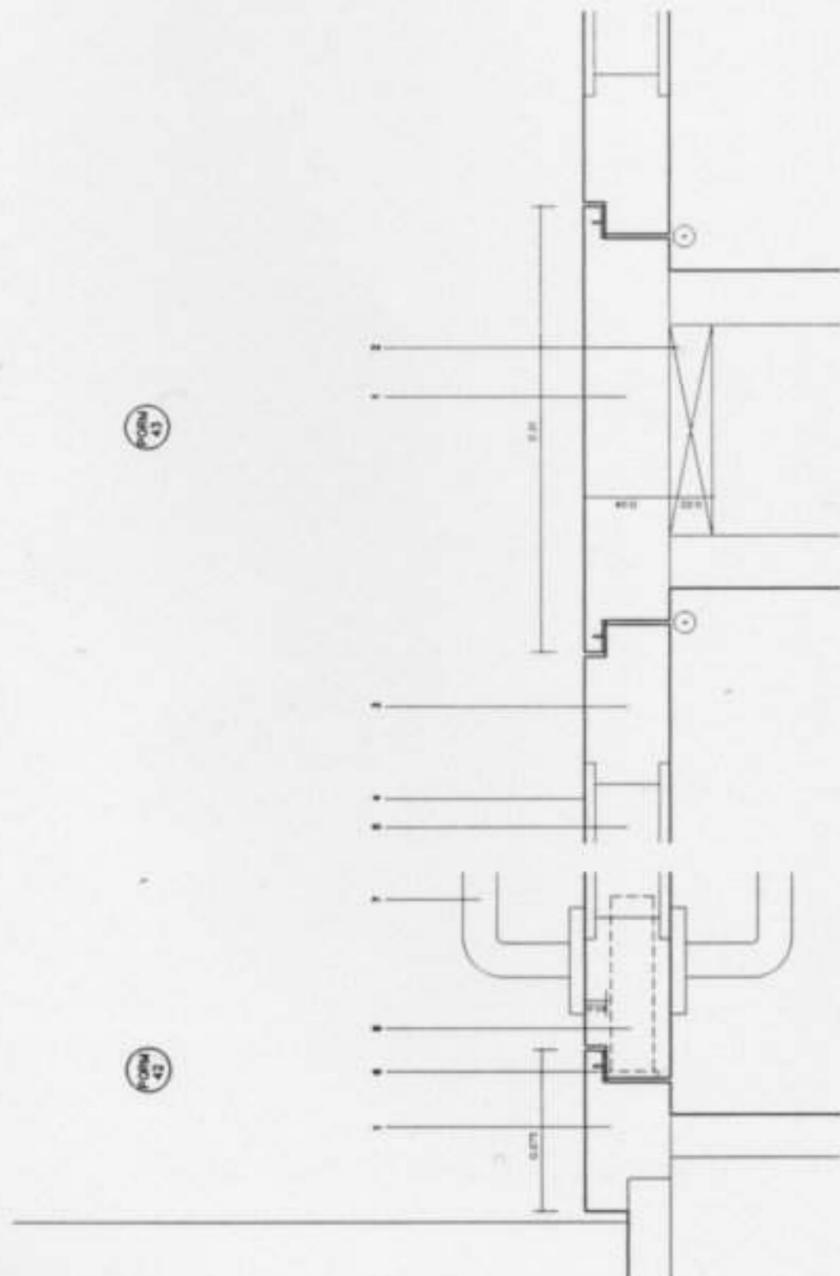
FORM 49

FORM 47

FORM 42

LEGENDA

- 1 MADERA DE CASERAMA PARA PINTOR
- 2 PNE-UNO EN MADERA DE PINEO BOUTON
- 3 BANCHELO EN MADERA DE CASERAMA PARA PINTOR
- 4 CONTRAPLANO DE UNA ESTRECHADO
- 5 MADERA DE MODO UCLAS PARA PINTOR
- 6 APARTE
- 7 BANCHELO EN BARRANDA MANCA COLUZA
- 8 PUNONER - 8 UNO A 100
- 9 PUNONER DE ANCHURA - 8 UNO



CORTE VERTICAL

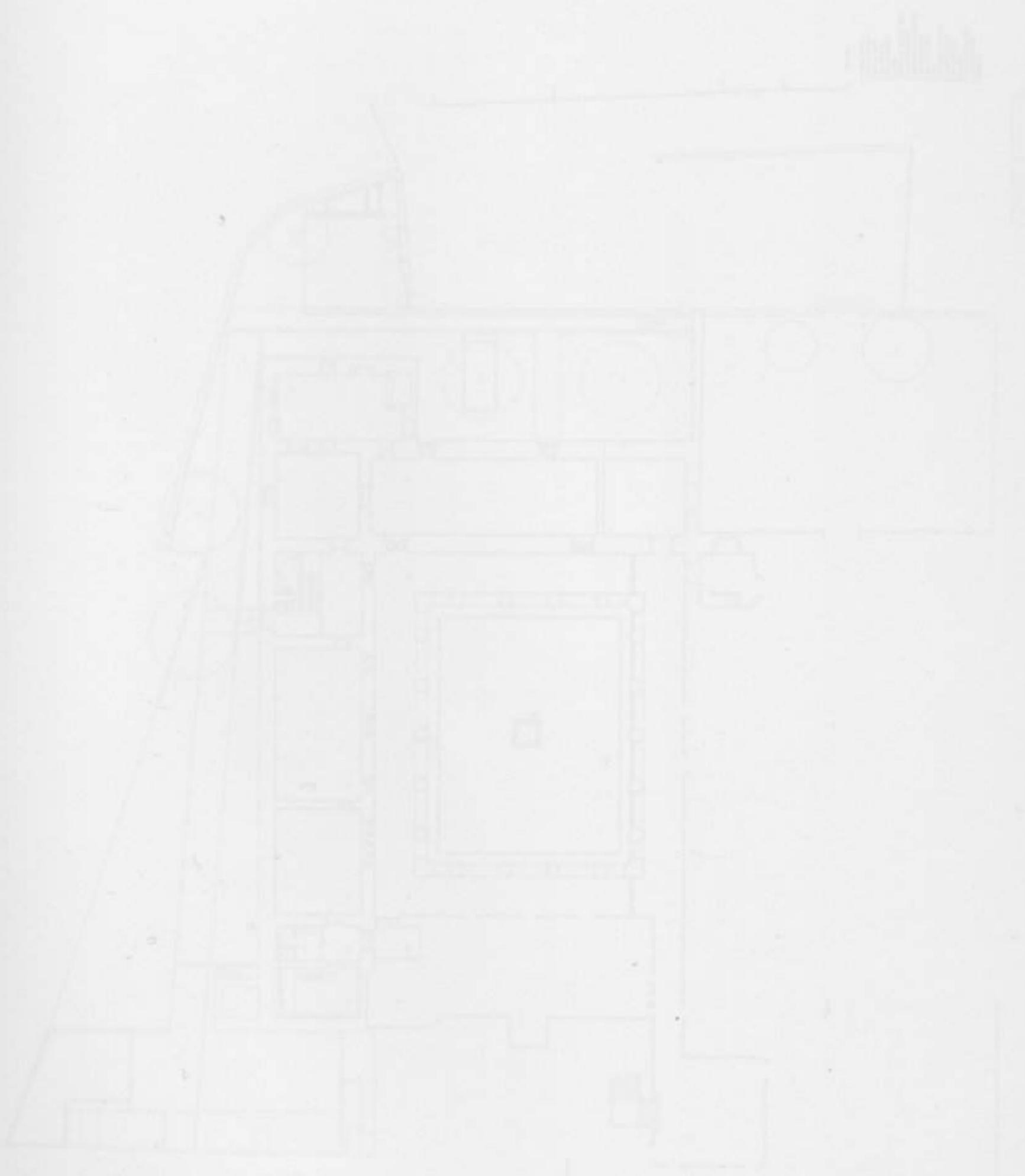
FORM 50

25

ANEXO II

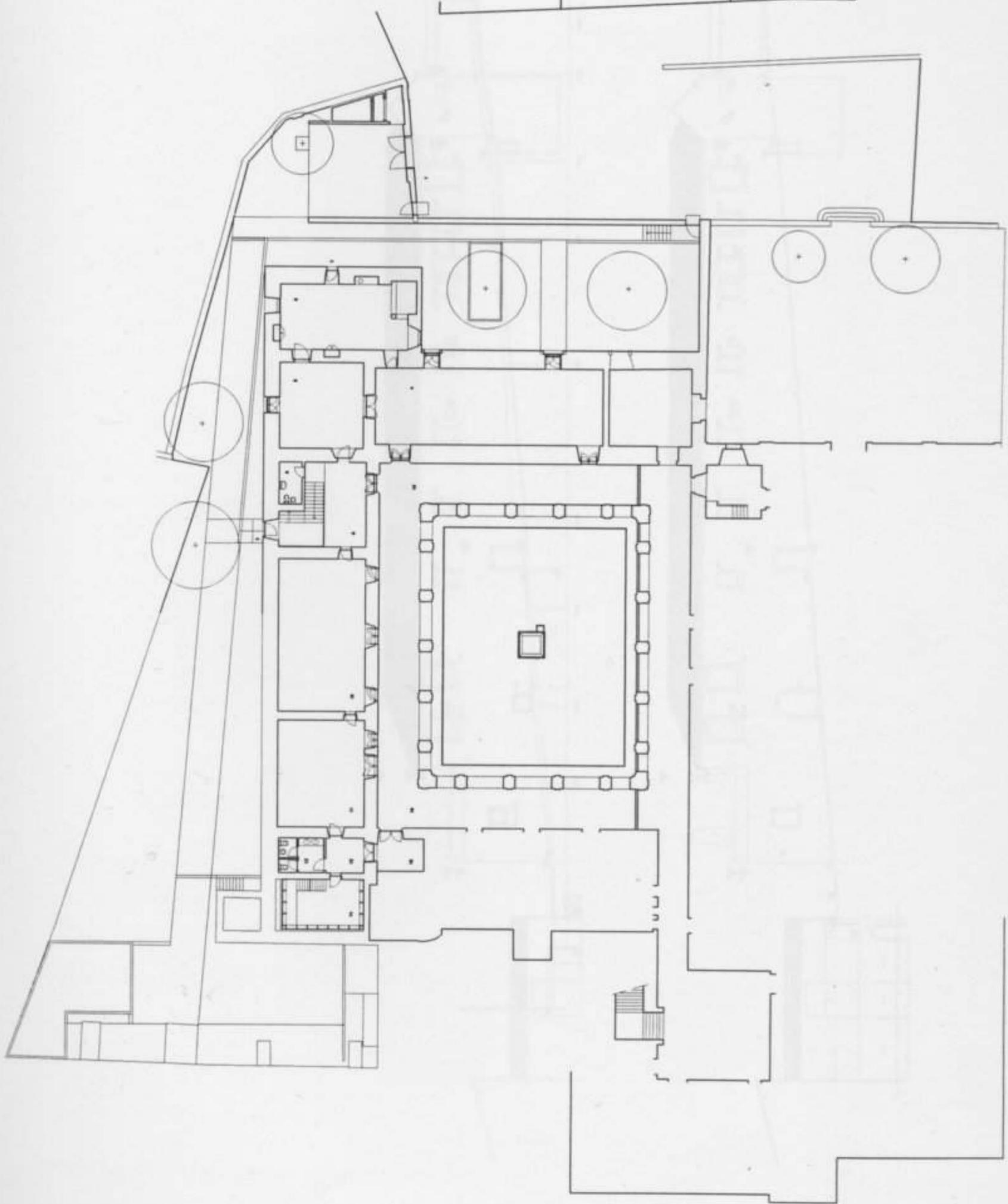
ANEXO II

RECUPERAÇÃO DO ANTIGO CONVENTO DE S. DOMINGOS DE
SETÚBAL

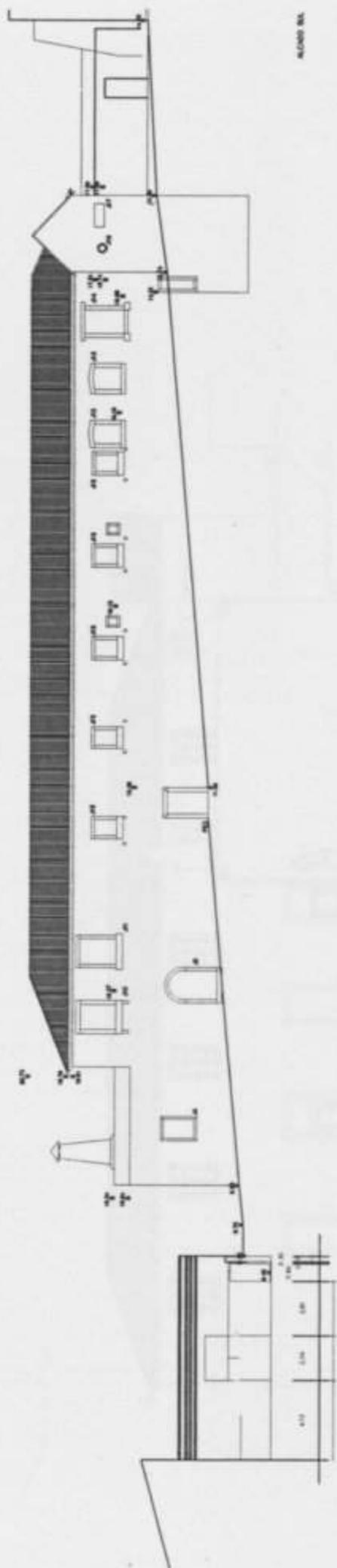
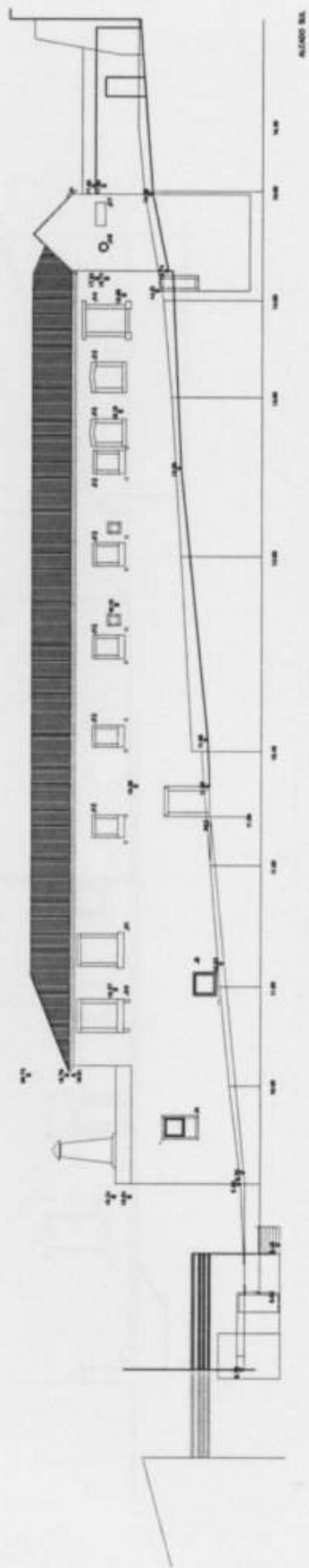


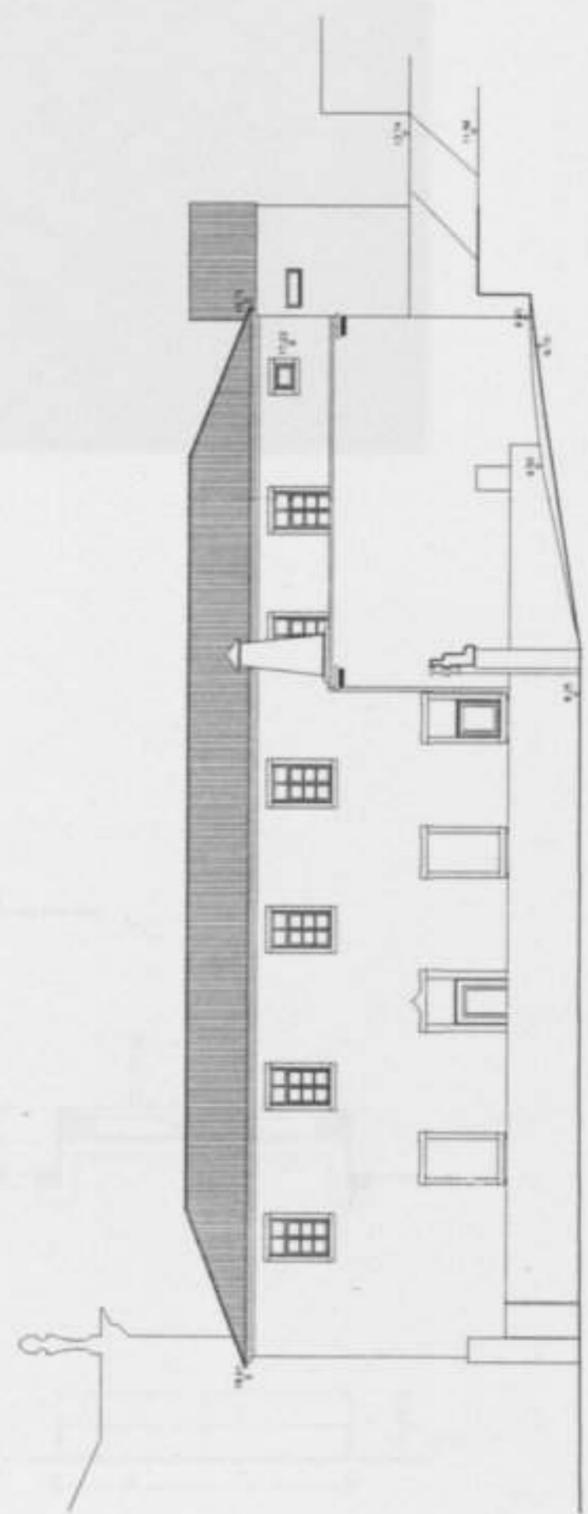
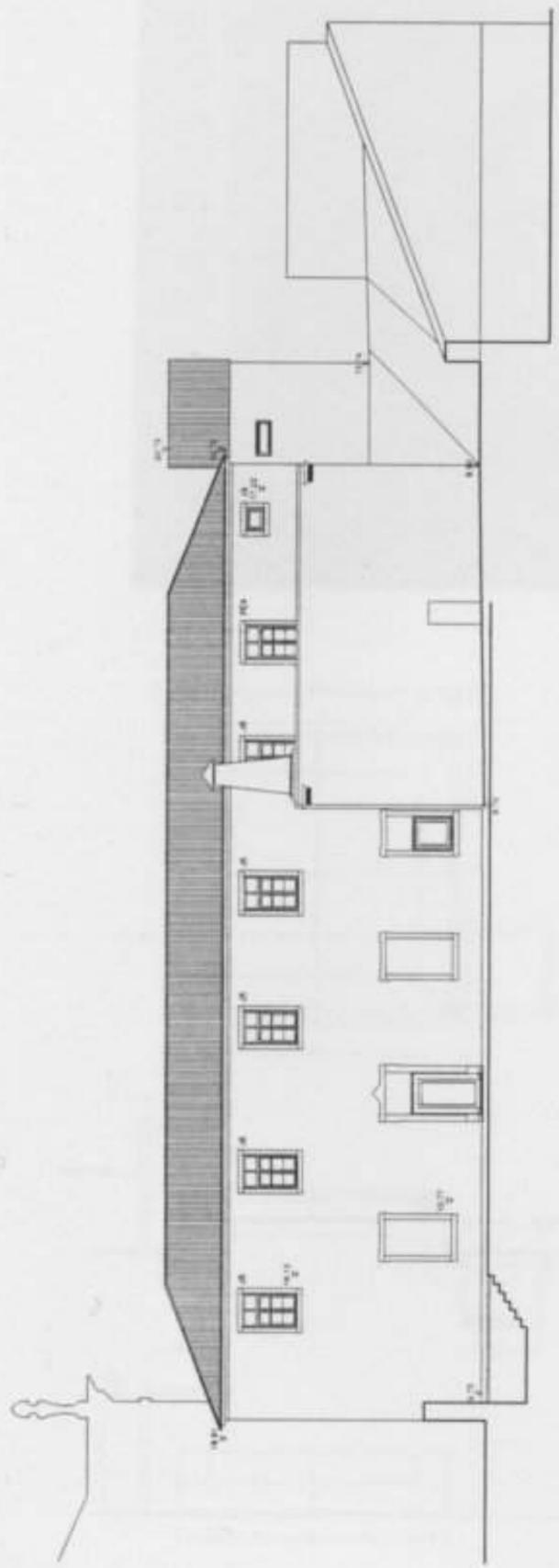
**RECUPERAÇÃO DO ANTIGO CONVENTO DE S.DOMINGOS DE
SETÚBAL**

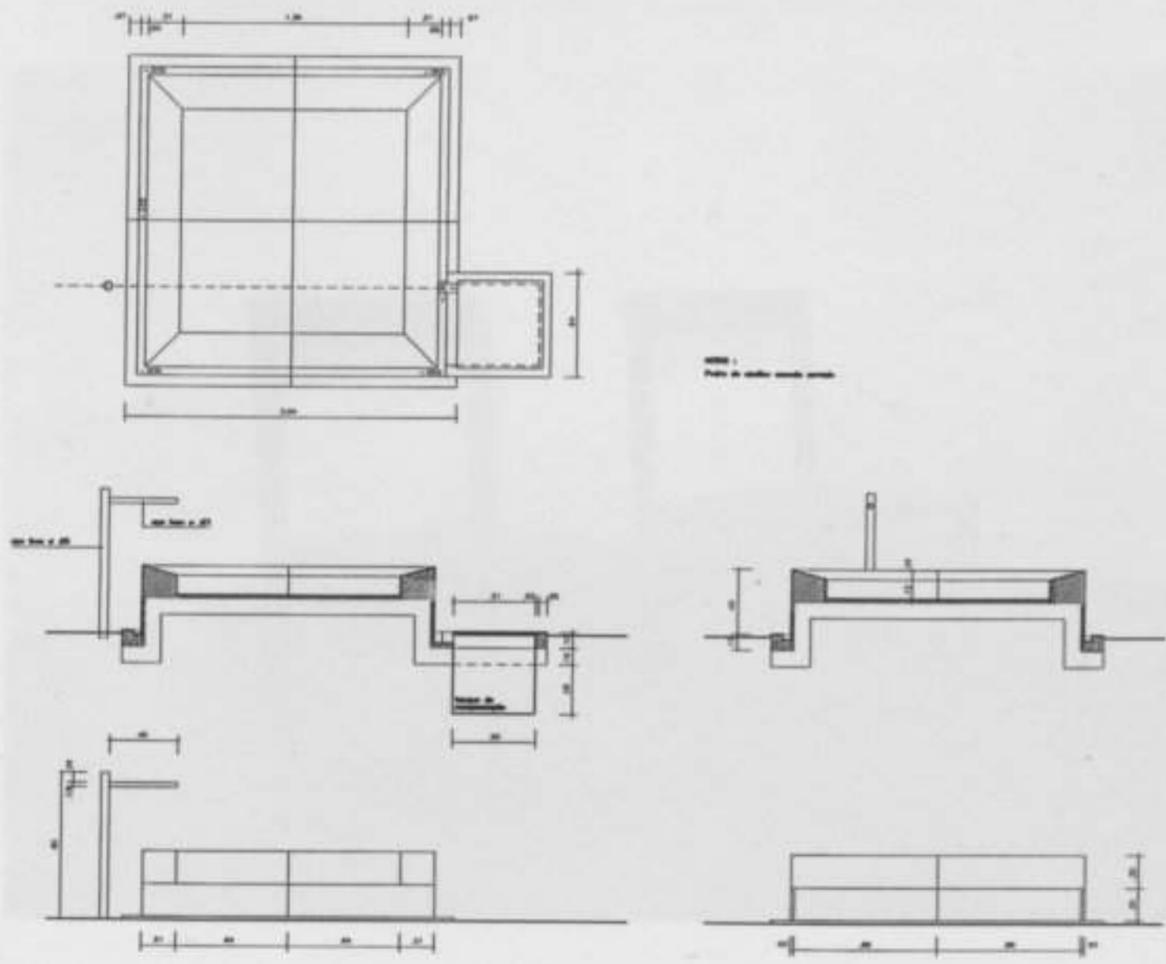
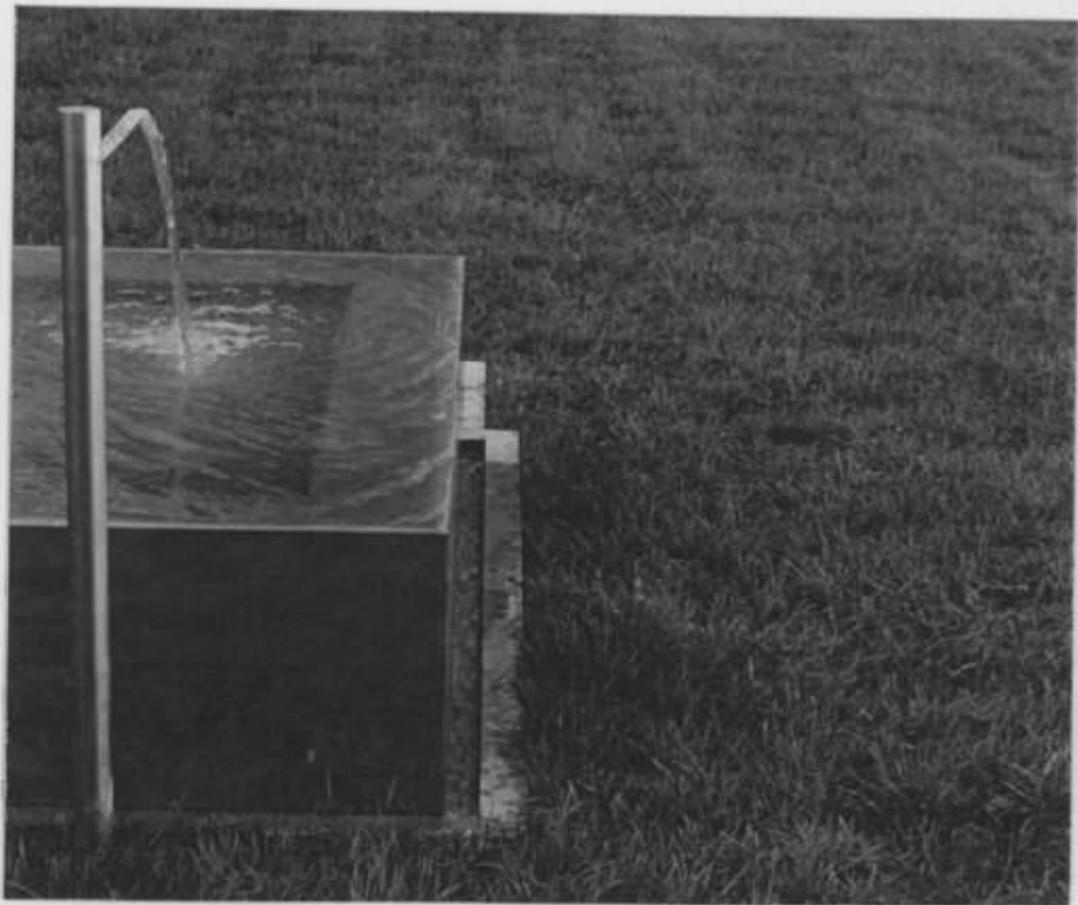
- 1.000
- 1.001
- 1.002
- 1.003
- 1.004
- 1.005
- 1.006
- 1.007
- 1.008
- 1.009
- 1.010
- 1.011
- 1.012
- 1.013
- 1.014
- 1.015
- 1.016
- 1.017
- 1.018
- 1.019
- 1.020
- 1.021
- 1.022
- 1.023
- 1.024
- 1.025
- 1.026
- 1.027
- 1.028
- 1.029
- 1.030
- 1.031
- 1.032
- 1.033
- 1.034
- 1.035
- 1.036
- 1.037
- 1.038
- 1.039
- 1.040
- 1.041
- 1.042
- 1.043
- 1.044
- 1.045
- 1.046
- 1.047
- 1.048
- 1.049
- 1.050
- 1.051
- 1.052
- 1.053
- 1.054
- 1.055
- 1.056
- 1.057
- 1.058
- 1.059
- 1.060
- 1.061
- 1.062
- 1.063
- 1.064
- 1.065
- 1.066
- 1.067
- 1.068
- 1.069
- 1.070
- 1.071
- 1.072
- 1.073
- 1.074
- 1.075
- 1.076
- 1.077
- 1.078
- 1.079
- 1.080
- 1.081
- 1.082
- 1.083
- 1.084
- 1.085
- 1.086
- 1.087
- 1.088
- 1.089
- 1.090
- 1.091
- 1.092
- 1.093
- 1.094
- 1.095
- 1.096
- 1.097
- 1.098
- 1.099
- 1.100

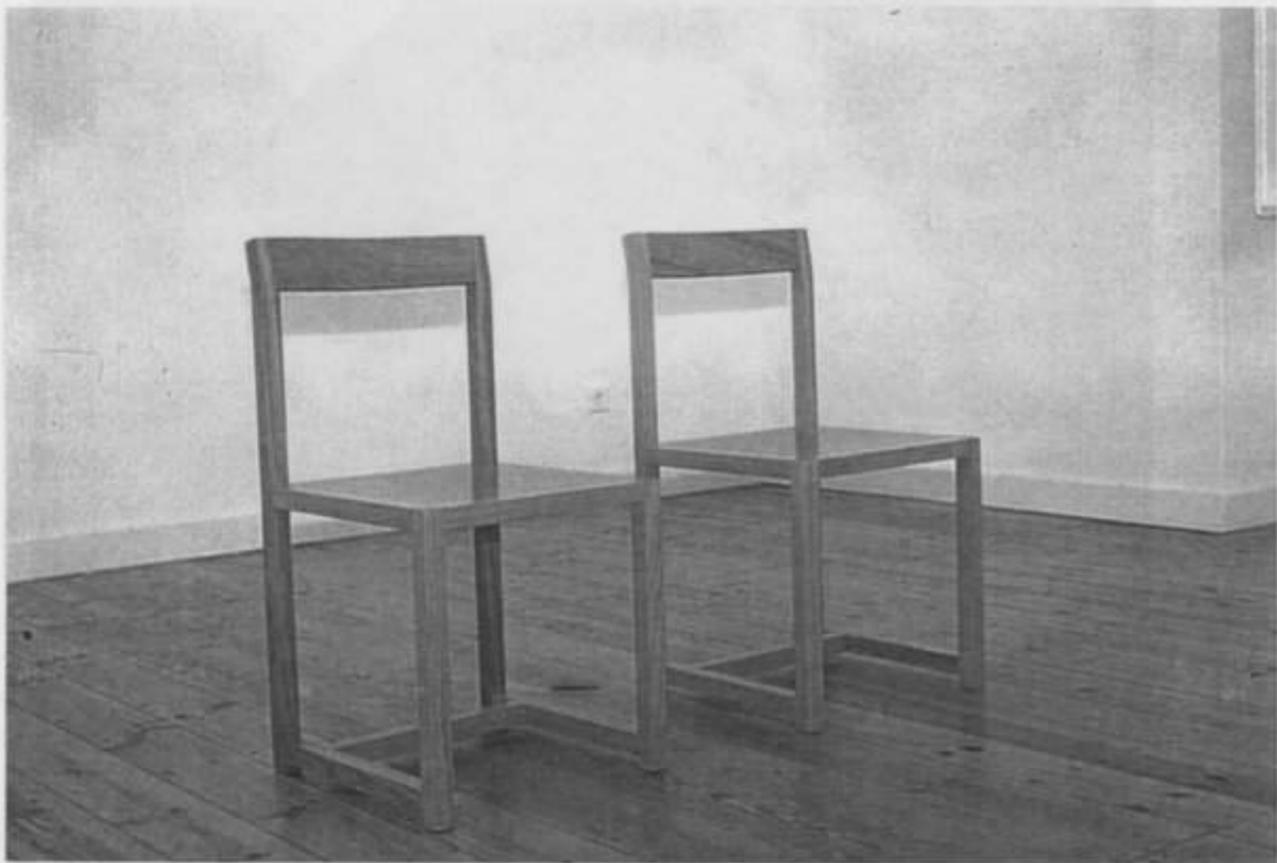


PISO I







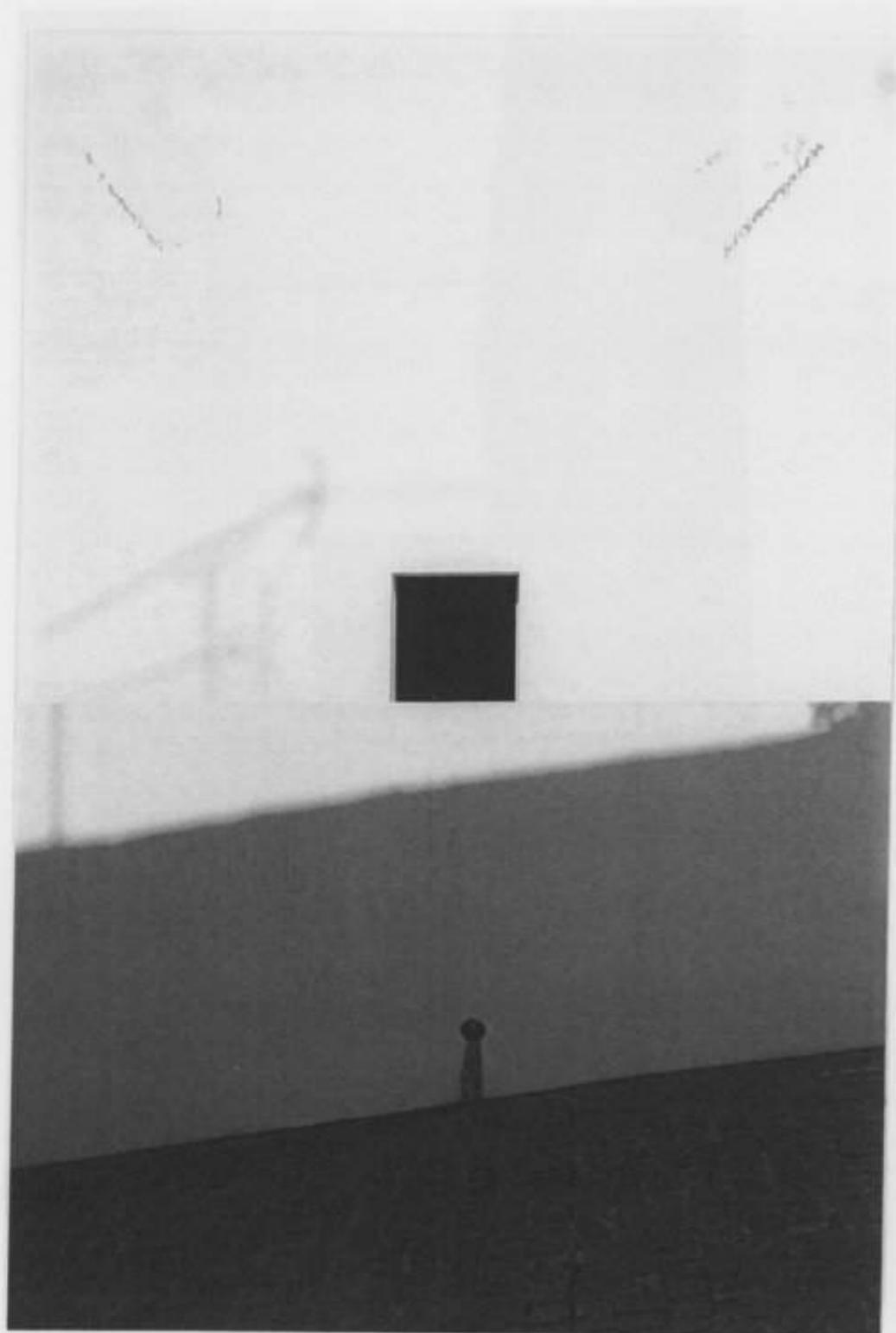


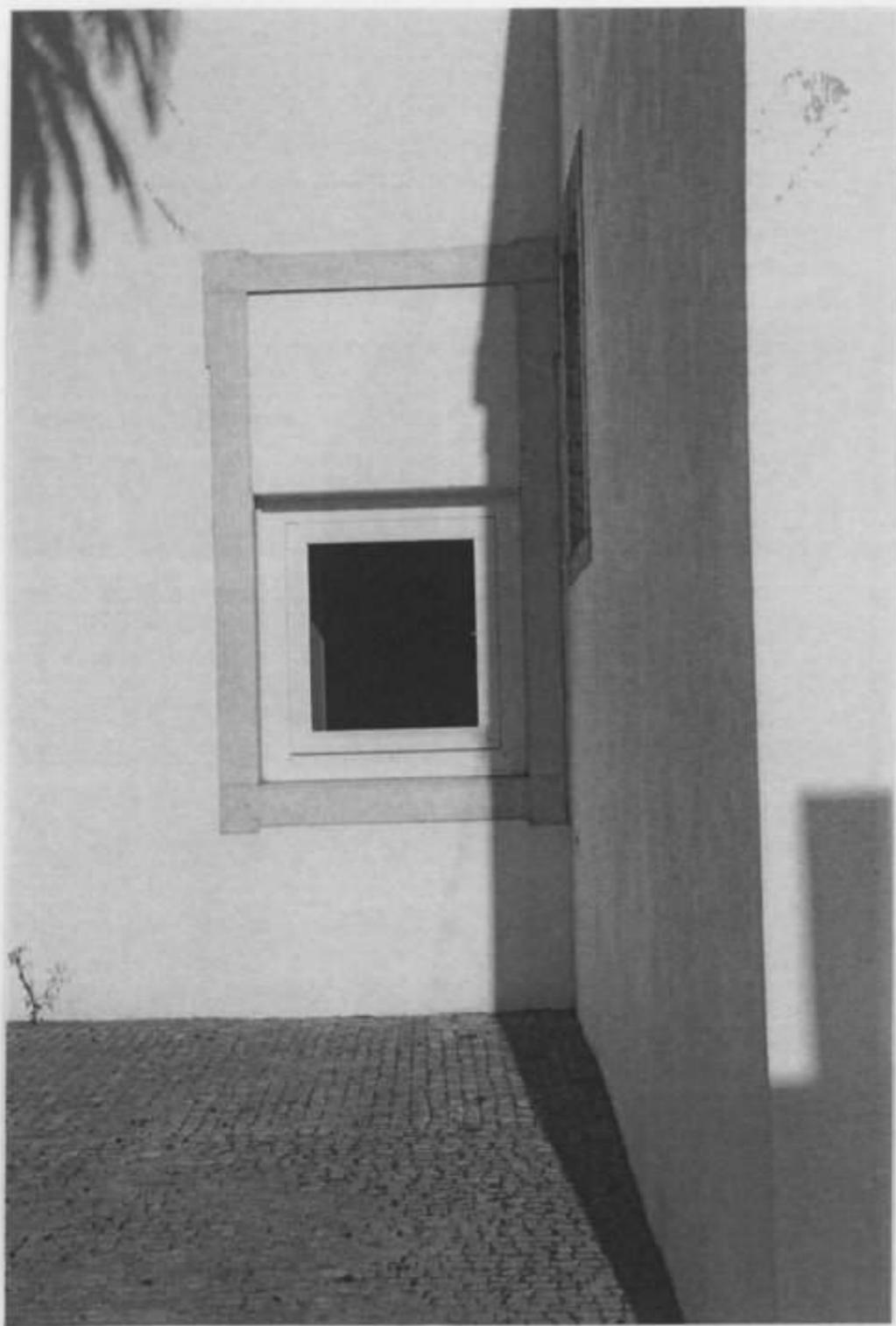






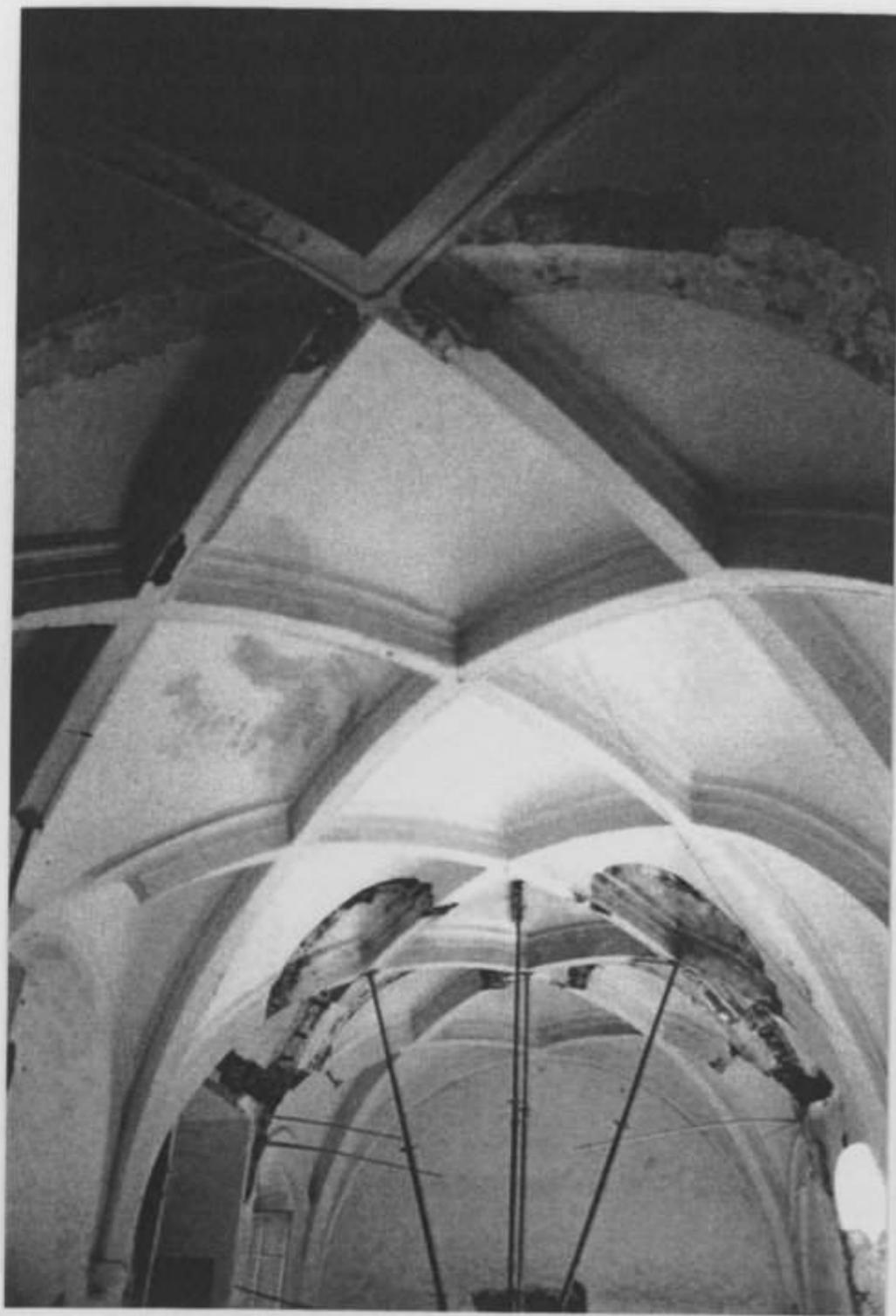






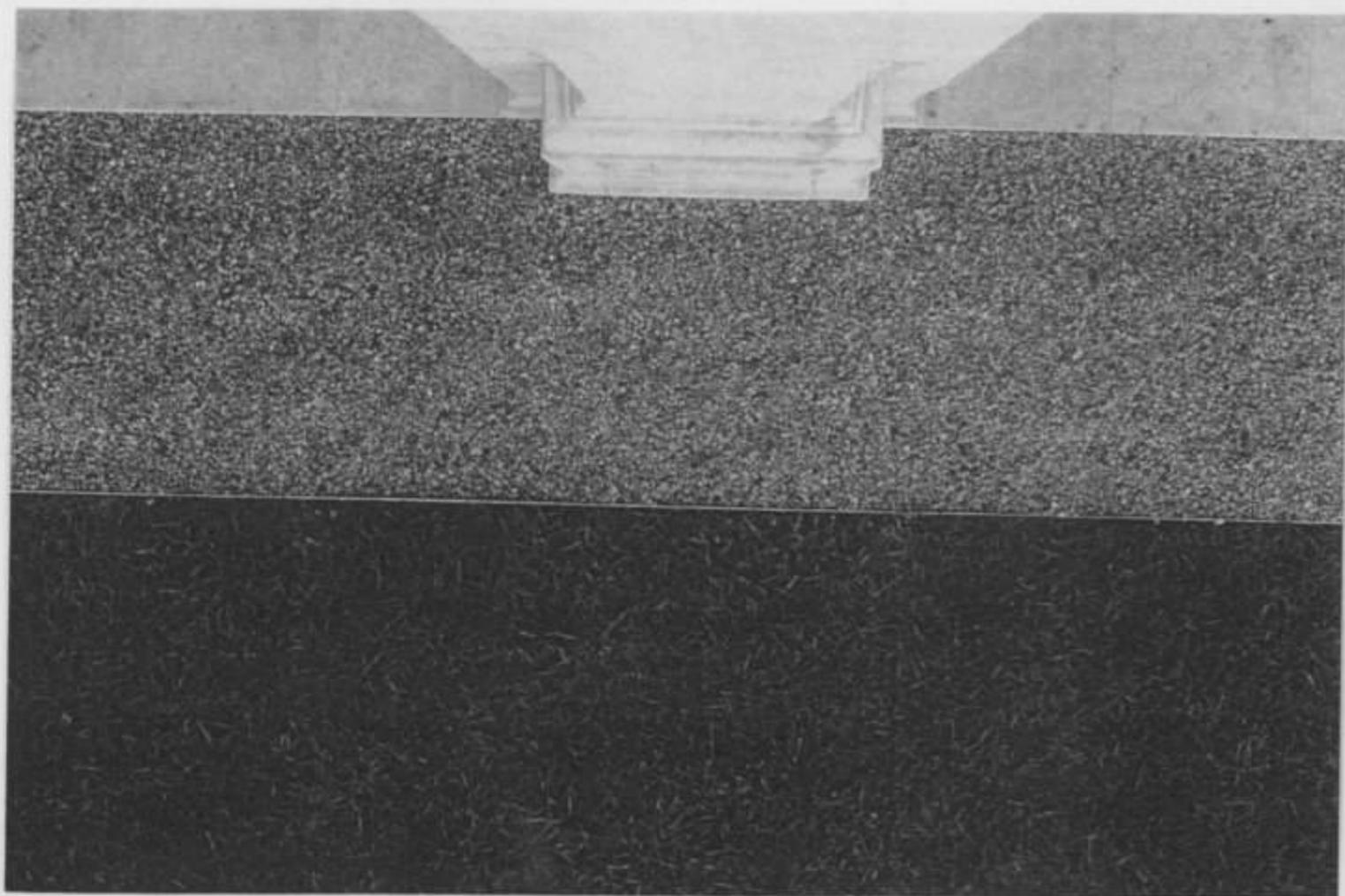












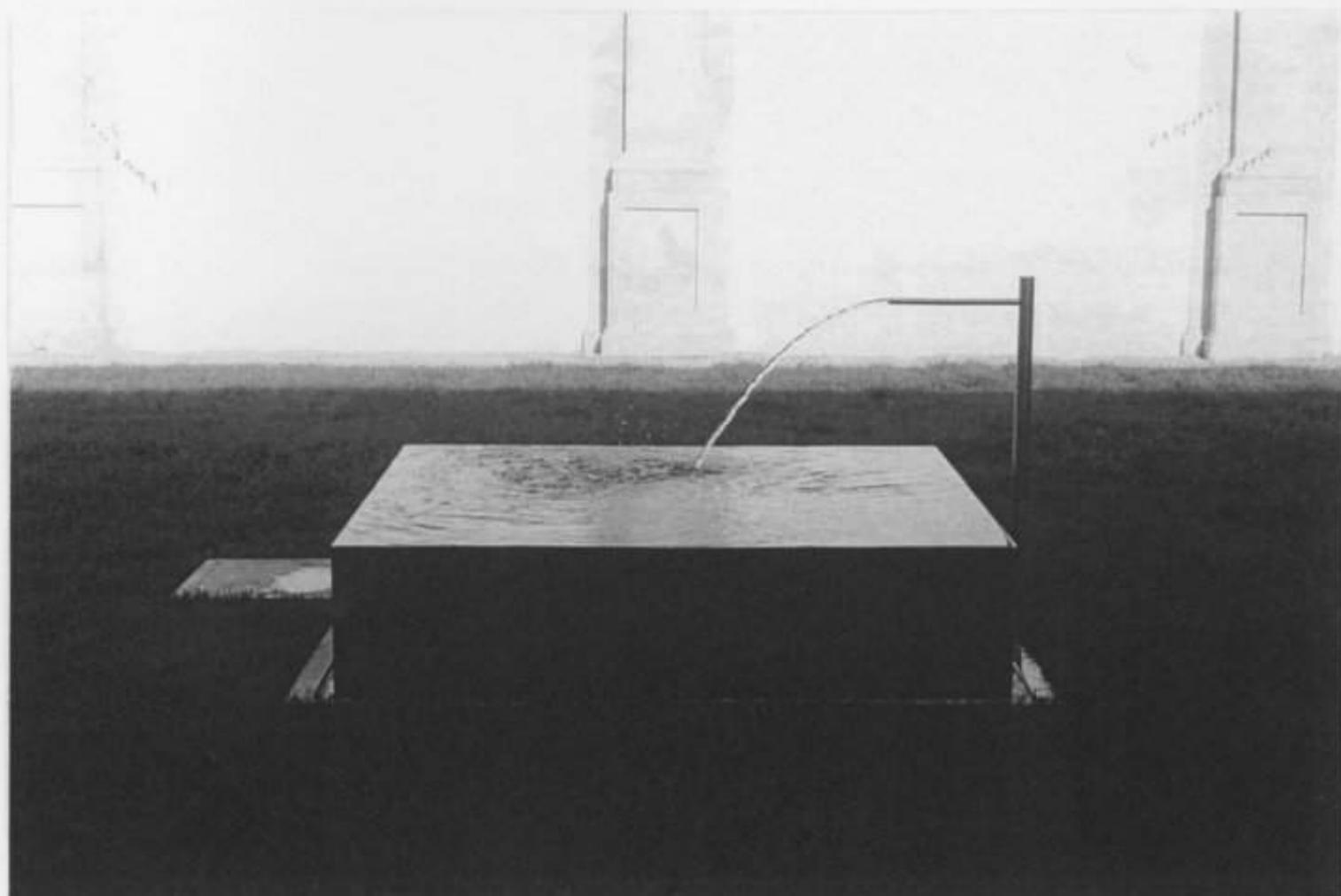


BIBLIOGRAFIA

GHANDINI LUDOVICO, "PROJETAR UN EDIFICIO OCHO
EDICIONES DE ARQUITECTURA", XARAIT EDICIONES,
MADRID 1987

WIKLER GEORGE, "A FORMA DO TEMPO" COLECCOES
ARTES/ENSAIO, LISBOA, 1990

CINDY FRANCOISE, "A ALEGORIA DO PATRIMONIO"



Para Catarina de Amorim

BIBLIOGRAFIA

**QUARONI LUDOVICO, "PROYETAR UN EDIFICIO OCHO
LECCIONES DE ARQUITCTURA", XARAIT EDICIONES,
MADRID 1987**

**KUBLER GEORGE, "A FORMA DO TEMPO" COLECÇÕES
ARTES/ENSAIO, LISBOA, 1990**

CHOAY FRANÇOISE, "A ALEGORIA DO PATRIMÓNIO"

Peter Cristiano de Carvalho

